**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**

ELIZABETH DA SILVA MACENA

**ESTUDO DO DIMINUTIVO EM –INHO/–ZINHO NO LIVRO DIDÁTICO DO
PROJETO TELÁRIS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

(Versão corrigida)

São Paulo

2015

ELIZABETH DA SILVA MACENA

**ESTUDO DO DIMINUTIVO EM –INHO/–ZINHO NO LIVRO DIDÁTICO DO
PROJETO TELÁRIS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

(Versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Proletras: Mestrado Profissional em Rede Nacional, vinculado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.

Orientação: Profa. Dra. Valeria Gil Condé

São Paulo

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M141e Macena, Elizabeth da Silva
Estudo do diminutivo em -inho/-zinho no livro didático do Projeto Teláris de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II / Elizabeth da Silva Macena ; orientadora Valéria Gil Condé. - São Paulo, 2015. 141 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Uso do diminutivo. 2. Livro didático. 3. Ensino de Língua Portuguesa. I. Condé, Valéria Gil, orient. II. Título.

Nome: MACENA, Elizabeth da Silva

Título: Estudo do diminutivo em –inho/–zinho no livro didático do Projeto Teláris de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Proletras: Mestrado Profissional em Rede Nacional, vinculado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.

Aprovada em: _____ de _____ de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa de estudos que me possibilitou custear as despesas com o curso.

À Profª Drª Valéria Gil Condé pela orientação e por dedicar a mim sua paciência e experiência que foram essenciais nesse percurso.

Ao Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho à Profª Drª Elis de Almeida Cardoso Caretta pelas valiosas contribuições durante o exame de qualificação.

A todo o corpo docente do programa PROFLETRAS da Universidade de São Paulo pelos ensinamentos que me propiciaram aperfeiçoar minha prática profissional.

Aos meus colegas de curso pelo companheirismo e pelas parcerias produtivas ao longo dessa jornada.

A minha mãe, Maria de Lourdes Soares da Silva, a quem devo todas as minhas conquistas.

RESUMO

Esta pesquisa investiga como o livro didático de Língua Portuguesa do Projeto Teláris, destinado ao Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano, escolhido pelas professoras de Língua Portuguesa da Unidade Municipal de Ensino Mario de Oliveira Moreira, no PNLD, de 2012, aborda o uso do diminutivo no volume do 6º ano do Ensino Fundamental. Foram verificadas questões referentes a como ocorre a contextualização das atividades, a importância que se dá à norma gramatical ou ao uso e o papel do texto nas propostas de atividades voltadas ao léxico e à língua. A partir disso, foi elaborada e aplicada uma sequência de atividades que promovesse o estudo e a reflexão sobre o tópico, assim, visando ao ensino dos usos que possibilitassem ao aluno ampliar seu repertório de possibilidades expressivas e estilísticas desse elemento linguístico. Pretende-se, com isso, apresentar propostas de trabalho com o livro didático, voltado aos estudos sobre a língua, que proporcionem ao professor a conquista de uma prática mais autônoma, sem desprezar o livro didático, que poderá lhe servir como aliado se usado de forma crítica, e sem permitir que este descaracterize o seu papel docente, tão fundamental no processo pedagógico.

Palavras-chave: Uso do diminutivo. Livro didático. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This work analyzes the Portuguese textbook of the Atica Publisher's Teláris Project, aimed at Secondary School, from 6th to 9th grade, which was selected among the PNLD (National Textbook Program, in the Portuguese acronym) titles by the Portuguese Language teachers of the Municipal Education Center Mario de Oliveira Moreira in 2012 PNLD. The aim is to investigate how the 6th grade book in this series addresses the use of the diminutive. We will assess issues such as how activities are contextualized, the importance given to grammar rules, or to the use and role of the text in proposals of activities concerning lexicon and language. From this, it will be designed and implemented a series of activities that will promote the study and reflection on the topic, aiming at teaching those in a way that enable the students to expand their repertoire of expressive and stylistic possibilities of this linguistic element. With it, we intend to present proposals for working with this textbook aimed at the study on the language that provide the teacher the possibility to reach a more autonomous practice without neglecting the textbook. The textbook may serve as an ally if used critically and without allowing it to deprive the teaching role, which is fundamental in the educational process, of its characteristics.

Keywords: Use of diminutive. Textbook. Portuguese language teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quadro da estrutura dos capítulos.	34
Figura 2 – Quadro de Distribuição dos conteúdos de análise linguística	38
Figura 3 – Atividade 1 do livro didático	40
Figura 4 – Resposta do aluno.....	41
Figura 5 – Transcrição da figura 4.....	41
Figura 6 – Resposta do aluno.....	41
Figura 7 – Transcrição da figura 6.....	41
Figura 8 – Resposta do aluno.....	42
Figura 9 – Transcrição da figura 8.....	42
Figura 10 – Atividade 2 do livro didático	45
Figura 11 – Resposta do aluno.....	46
Figura 12 – Transcrição da figura 11.	46
Figura 13 – Resposta do aluno.....	47
Figura 14 – Transcrição da figura 13.	47
Figura 15 – Resposta do aluno.....	47
Figura 16 – Transcrição da figura 15.	47
Figura 17 – Resposta do aluno.....	48
Figura 18 – Transcrição da figura 17.	48
Figura 19 – Resposta do aluno	48
Figura 20 – Transcrição da figura 19.	48
Figura 21 – Resposta do aluno.....	48
Figura 22 – Transcrição da figura 21.	48
Figura 23 – Exercício 3	49
Figura 24 – Resposta do aluno.....	50
Figura 25 – Transcrição da figura 24.	50
Figura 26 – Atividade 3 do livro didático	53
Figura 27 – Resposta do aluno.....	54
Figura 28 – Transcrição da figura 27	54

Figura 29 – Resposta do aluno.....	54
Figura 30 – Transcrição da figura 29	54
Figura 31 – Resposta do aluno.....	55
Figura 32 – Transcrição da figura 31.	55
Figura 33 – Resposta do aluno.....	55
Figura 34 – Transcrição da figura 33.	55
Figura 35 – Resposta do aluno.....	56
Figura 36 – Transcrição da figura 35	56
Figura 37 – Resposta do aluno.....	56
Figura 38 –Transcrição da figura 37.....	56
Figura 39 – Resposta do aluno.....	57
Figura 40 – Transcrição da figura 39.	57
Figura 41 – Resposta do aluno.....	57
Figura 42 – Transcrição da figura 41.	57
Figura 43 – Atividade do volume II da coleção	60
Figura 44 – Atividade diagnóstica	66
Figura 45 – Resposta do aluno.....	68
Figura 46 – Transcrição da figura 45.	68
Figura 47 – Resposta do aluno.....	68
Figura 48 – Transcrição da figura 47	68
Figura 49 – Resposta do aluno.....	68
Figura 50 – Transcrição da figura 49	68
Figura 51 – Resposta do aluno.....	69
Figura 52 – Transcrição da figura 51	69
Figura 53 – Resposta do aluno.....	69
Figura 54 –Transcrição da figura 53.....	69
Figura 55 – Resposta do aluno	70
Figura 56 – Transcrição da figura 55	70
Figura 57 – Resposta do aluno	70
Figura 58 – Transcrição da figura 57	71
Figura 59 – Resposta do aluno.....	71

Figura 60 – Transcrição da figura 59	71
Figura 61 – Resposta do aluno.....	71
Figura 62 – Transcrição da figura 61	71
Figura 63 – Resposta de aluno.....	72
Figura 64 – Resposta de aluno.....	73
Figura 65 – Resposta de aluno.....	74
Figura 66 – Atividade anúncios publicitários.....	77
Figura 67 – Anúncio da revista Carta Capital	78
Figura 68 – Resposta do aluno.....	79
Figura 69 – Transcrição da figura 68.	80
Figura 70 – Resposta do aluno.....	80
Figura 71 – Transcrição da figura 70.	80
Figura 72 – Anúncio do creme dental Sorriso.....	81
Figura 73 – Resposta do aluno.....	82
Figura 74 – Transcrição da figura 73.	82
Figura 75 – Resposta do aluno.....	82
Figura 76 – Transcrição da figura 75.	83
Figura 77 – Anúncio do iogurte Corpus.....	83
Figura 78 – Resposta do aluno.....	85
Figura 79 – Transcrição da figura 78.	85
Figura 80 – Resposta do aluno	85
Figura 81 – Transcrição da figura 80.	86
Figura 82 – Resposta do aluno.....	86
Figura 83 – Transcrição da figura 82.	86
Figura 84 – Anúncio do supermercado Vila Fruti	86
Figura 85 – Resposta do aluno.....	88
Figura 86 – Transcrição da figura 85.	88
Figura 87 – Resposta do aluno.....	88
Figura 88 – Transcrição da figura 87.	89
Figura 89 – Anúncio das sandálias Havaianas.....	89
Figura 90 – Resposta do aluno.....	91

Figura 91 – Transcrição da figura 90.	91
Figura 92 – Resposta do aluno.....	92
Figura 93 – Transcrição da figura 92.	92
Figura 94 – Anúncio 1: Loja de presentes	95
Figura 95 – Anúncio 2: Canecas de coração	95
Figura 96 – Anúncio 3: Kit de beleza.	96
Figura 97 – Anúncio 4: Loja de moda feminina.	98
Figura 98 – Anúncio 5: Sapatos femininos.	99
Figura 99 – Anúncio 6: Kit de beleza.	101
Figura 100 – Anúncio 7: Ingressos para o circo.	102
Figura 101 – Anúncio 8: Campanha de adoção de animais.	104
Figura 102 – Anúncio 9: Loja de moda feminina adulta e infantil.	105
Figura 103 – Anúncio 10: Ingressos para o jogo da Seleção Brasileira de Futebol.	106
Figura 104 – Anúncio 11: Máquina fotográfica.	107
Figura 105 – Anúncio 12: Programação de emissora de TV.	108
Figura 106 – Anúncio 13: Título de capitalização Tele Sena.....	109
Figura 107 – Anúncio 14: Baldes de plástico.....	111
Figura 108 – Anúncio 15: Plano de saúde da Unimed.....	112

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	17
2.1	O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA NA ESCOLA E SUAS PERSPECTIVAS NA COMUNIDADE ESCOLAR	17
2.1.1	A escola	17
2.1.2	A sociedade cubatense	18
2.1.3	O perfil da comunidade escolar	19
2.1.4	O papel da escola nesse contexto	20
2.1.5	O ensino de gramática	22
2.2	O TRATAMENTO DO DIMINUTIVO NOS MANUAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA	24
2.3	O DIMINUTIVO ENTRE AS ESFERAS DO LÉXICO E DA GRAMÁTICA	29
3	ANÁLISE DA ABORDAGEM DA UTILIZAÇÃO DO DIMINUTIVO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO PROJETO TELÁRIS	33
3.1	CONSIDERAÇÕES SOBRE A COLEÇÃO ESCOLHIDA	33
3.2	A CONCEPÇÃO DE TRABALHO COM A LINGUAGEM NA COLEÇÃO, SEGUNDO AS AUTORAS	36
3.3	APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES DO LIVRO DIDÁTICO	40
3.3.1	Atividade 1: Texto em estudo: “O bisavô e a dentadura” de Sylvia Orthof	40
3.3.2	Atividade 2: Texto em estudo: “A panela...” de Pedro Bandeira	45
3.3.3	Atividade 3: Texto em estudo: “A menina e as balas” de Georgina Martins	53
3.3.4	Abordagem do uso do diminutivo no volume 2, 7º ano	60
3.4	ANÁLISE DAS ATIVIDADES PROPOSTAS	61
4	SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES: O USO EXPRESSIVO DO DIMINUTIVO EM ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS	65
4.1	ATIVIDADE DIAGNÓSTICA	65
4.2	ATIVIDADE ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS	75
4.2.1	Apresentação das atividades	75

4.2.2	Análise das respostas dos alunos	78
5	ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS	93
5.1	JUSTIFICATIVA E APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE	93
5.2	PRODUÇÕES DOS ALUNOS	95
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
	REFERÊNCIAS	117
	APÊNDICE A - SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 1	121
	APÊNDICE B - SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 2	126
	ANEXO A - QUADRO CURRICULAR E PROJETO TEMÁTICO DA UME MARIO DE OLIVEIRA MOREIRA	132
	ANEXO B – TEXTOS MOTIVADORES DAS ATIVIDADES ANALISADAS DO LIVRO DIDÁTICO	134

1 INTRODUÇÃO

A adoção do texto como unidade básica de ensino e do qual devem, majoritariamente, partir todas as espécies de atividades que venham a ser planejadas para o ensino da língua materna tem sido uma estratégia amplamente discutidas por muitos dos estudiosos da área, tais como Marcuschi (2010) e Antunes (2007). O que se justifica pela concepção de que toda enunciação acontece dentro de um gênero textual (Bakhtin, 1997), sendo essa a forma de que o homem se utiliza para se comunicar e que deve ser, portanto, o foco das aulas de língua materna, visto que estas visam ao desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Partindo-se desse princípio, também, o estudo e o tratamento da gramática apenas teriam sentido se partissem do texto ou fossem aplicados na elaboração e/ou compreensão deste. Tal concepção tem suscitado, nos últimos tempos, discussões a respeito do que se deve ou não se deve ensinar sobre gramática aos alunos.

A esse respeito Travaglia (2009) observa que surge o entendimento por parte de alguns professores de que não existe a necessidade de se ensinar gramática, que essa área de estudo não teria utilidade prática para a vida do aluno. Outra concepção, oposta, mas que da mesma forma pode ser prejudicial à formação do aluno de educação básica em sua língua, é a de que o ensino de língua materna na escola deve ser praticamente todo pautado na gramática. Nessa última concepção o texto entraria apenas como fonte fornecedora de frases soltas a serem destrinchadas em exercícios de análise morfológica e análise sintática, conforme critica Antunes (2007). A autora traz, ainda, uma grande contribuição para essa discussão ao afirmar que:

O problema central dos cursos de línguas – materna e estrangeiras – está longe de ser *não ensinar gramática*. É, antes, *não ensinar apenas gramática*; e, muito mais, *é não ensinar apenas nomenclatura e classificação gramatical*. Portanto, não se está propondo *menos*. Pelo contrário, se está pretendendo *muito mais*. (ANTUNES, 2007, p. 51)

A autora defende que, na reflexão sobre a língua, existe outro aspecto de igual ou maior importância que a gramática no que concerne a prover o aluno de

elementos que possibilitem a sua inserção em outros meios sociais, o estudo do léxico.

[...] me parece de extrema urgência entender que, para conseguirmos a tão apregoada competência em falar, ler compreender e escrever, é necessário conhecer, ampliar e explorar o território das palavras, tão bem ou melhor do que o território da gramática. Os saberes sobre a gramática da língua já os temos 'internalizados' desde tenra idade. O que nunca deixa de estar sob exigências permanentes de atualização são as demandas sociais por um conhecimento lexical mais vasto, mais diversificado, mais específico, capaz de cobrir as particularidades de contextos em que acontecem nossas atuações verbais. (ANTUNES, 2012, p.14)

Bunzen e Rojo (2008), ao traçarem a trajetória e evolução de materiais didáticos para ensino de língua materna no Brasil, observam que o livro didático de língua portuguesa resulta de um processo que visa a suprir as lacunas do trabalho docente.

[...] cria-se um novo tipo de material didático de apoio à prática docente que, propositalmente, interfere na autonomia do professorado. Batista (2001, 2003) mostra que este novo tipo de material, que conhecemos hoje como livro didático, propõe-se a estruturar e facilitar o trabalho de um professor de *novo tipo*, apresentando não somente os conteúdos, mas também as atividades didáticas e organizando-se conforme a divisão do tempo escolar [...]
É, pois, dirigindo-se a um professor apreciado como mal formado, sem tempo para preparação e correção de atividades escolares [...] que o livro assume para si a tarefa de estruturar as aulas, até porque, muitas vezes, ele permanece mais tempo nas escolas que os próprios professores. Os autores de livros didáticos e os editores passam, portanto, a ser autores decisivos na didatização dos objetos de ensino e, logo, na construção dos conceitos e capacidades a serem ensinados. (BUNZEN; ROJO, 2008, p. 79-80)

Compreende-se que um trabalho docente consistente na escola tem como ponto de partida a formação do professor, pois para decidir sobre o currículo, eleger uma metodologia e a forma de tratamento que será dada ao ensino de língua materna, o docente precisa estar munido de conhecimentos linguísticos que subsidiem sua prática, como afirma Cagliari.

No ensino de português, não há pedagogia, psicologia, metodologia, fonoaudiologia, etc. Que substituam o conhecimento linguístico que o professor deve ter. Sem uma base linguística verdadeira, as pessoas envolvidas em questões de ensino de português acabam ou acatando velhas e erradas tradições de ensino ou se apoiando explícita ou

implicitamente em concepções inadequadas de linguagem. (CAGLIARI, 2009, p. 29)

De acordo com todas essas contribuições, busca-se apresentar propostas de trabalho com o livro didático voltadas aos estudos e reflexão sobre a língua que promovam uma abordagem e um uso crítico desse material pelo professor. Além disso, pretende-se demonstrar a importância de que esse professor utilize seus conhecimentos, sua formação e experiência para intervir na forma como alguns temas possam ser abordados no material didático, de forma a fazer escolhas e tomar decisões mais acertadas em relação ao uso ou não do livro, bem como a produzir seu próprio material ao perceber que essa atitude pode ser mais eficaz para suprir as necessidades de aprendizagem de seus alunos.

Para esse fim, investigou-se como o livro didático escolhido pelas professoras de Língua Portuguesa da Unidade Municipal de Ensino (UME) Mario de Oliveira Moreira, no PNLD, de 2012, aborda o uso do diminutivo no volume do 6º ano do Ensino Fundamental. Nesse sentido, foram verificadas questões referentes a:

- a) como ocorrem as explicações e a inserção das atividades no livro didático e a partir de que contextos;
- b) como ocorre a exploração das potencialidades do uso do diminutivo e de seu papel enquanto recurso de linguagem;
- c) o papel do texto nas propostas de atividades voltadas ao léxico e à língua.

A partir disso, procurou-se elaborar e aplicar uma sequência de atividades que promovesse o estudo e a análise, de forma reflexiva, sobre o tópico, assim, visando ao ensino dos usos que possibilitem ao aluno ampliar seu repertório de possibilidades expressivas desse elemento linguístico.

As atividades do livro que abordam essa temática foram aplicadas aos alunos nas aulas de Língua Portuguesa, no primeiro semestre letivo de 2015, mais especificamente entre os meses de fevereiro e abril. Os resultados da aplicação de tais atividades estão descritos e analisados no Capítulo 3.

Ao verificar que a abordagem adotada poderia deixar lacunas no aprendizado dos alunos quanto às propriedades semânticas, estilísticas e discursivas do uso do

diminutivo, pensou-se na elaboração de uma sequência de atividades que promovesse a aplicação e ampliação desse conhecimento. Essa etapa, realizada durante o mês de maio, está demonstrada e os seus resultados analisados no Capítulo 4.

No Capítulo 5, apresenta-se a produção final dos alunos, que consiste na elaboração de anúncios publicitários nos quais demonstrem como apreenderam a questão do uso do diminutivo de forma prática. Este trabalho foi realizado no início de junho e representa a conclusão das atividades sobre o uso do diminutivo no ano letivo.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

2.1 O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA NA ESCOLA E SUAS PERSPECTIVAS NA COMUNIDADE ESCOLAR

2.1.1 A escola

A pesquisa intitulada "Estudo do diminutivo em -inho/-zinho no livro didático do Projeto Teláris de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II", foi realizada com alunos do Ensino Fundamental II, 6º ano, da Unidade Municipal de Ensino Mario de Oliveira Moreira, em Cubatão, São Paulo.

A UME Mario de Oliveira Moreira está localizada a 10 km do centro de Cubatão. Atende aos moradores do bairro Vale Verde, na Rodovia Padre Manoel da Nóbrega, e aos moradores do bairro Vale Novo, que apesar de estar localizado oficialmente no município vizinho, São Vicente, tem a UME Mario de Oliveira Moreira como a mais próxima.

A escola atende ao Ensino Fundamental I no período da tarde e ao Ensino Fundamental II no período da manhã. Conta com 10 salas de aula, auditório, sala de artes, sala de informática, sala dos professores, uma sala pequena para a secretaria e outra para a diretoria e coordenação pedagógica, além de pátio, refeitório e quadra de esportes.

Aproximadamente 181 alunos frequentam o Ensino Fundamental I e outros 175 estão matriculados no Ensino Fundamental II, grande parte deles estuda na mesma escola desde o primeiro ano de escolarização, pois é a única do bairro e este fica longe de outras áreas urbanas. De acordo com o Plano de Gestão para o biênio de 2014/2015, em sua maioria, os alunos estão em idade adequada à série em que estão matriculados.

2.1.2 A sociedade cubatense

Em 2008, a rede municipal de educação elaborou, com colaboração da Secretaria Municipal de Educação, gestores, coordenadores de ensino e professores, o Projeto Político Pedagógico Institucional da rede de ensino, doravante PPPI, com o intuito de discutir as "concepções e objetivos educacionais pretendidos e as formas de se (re)organizar o espaço e o tempo escolar, em função das metas estabelecidas em consenso e dos padrões de qualidade a alcançar" (CUBATÃO, 2008, p.7).

No Marco Situacional desse documento, encontra-se uma análise sociocultural da sociedade cubatense que merece ser considerada nesta pesquisa. Segundo o documento, a população de Cubatão apresenta duas realidades distintas em relação à questão identitária de seus habitantes e isso faz com que as ações da administração municipal sejam muitas vezes ineficazes em atender às suas reais necessidades.

Uma dessas realidades é formada pelas famílias de antigos moradores, que se auto-intitulam, por vezes, de *cubatenses tradicionais*. Trata-se de uma pequena *elite* de habitantes, razoavelmente posicionados, com condições econômicas bem mais favoráveis do que a da grande maioria dos moradores da cidade. Muitos deles possuem estreitas ligações com a administração pública, seja por pertencerem ao quadro de funcionários da prefeitura, por exercerem atividades político-partidárias ou por fazerem parte do relativamente pequeno número de munícipes ligados à indústria local e com representação econômica satisfatória. Indiscutivelmente, esses moradores são dotados de condições de influência nas ações da administração municipal, na medida em que participam ou são ligados a alguém que dela faz parte.

A segunda realidade, à qual pertence a imensa maioria da população cubatense, abriga um contingente que se encontra em absoluto estado de exclusão social. Habitando em áreas de invasão, regulamentadas ou não, esses moradores da periferia não são reconhecidos, pela auto-denominada classe *cubatense tradicional*, como pertencentes à cidade. Por serem migrantes, ou descendentes de migrantes, sofrem um processo de desqualificação identitária, que os exclui e segrega, exacerbando um *não-pertencer*, numa espécie de *diáspora* regional. (CUBATÃO, 2008, p. 40)

Pode-se acrescentar, para melhor ilustrar esse quadro, que segundo Ferreira e Passerani (2005), a população de Cubatão é composta em grande parte por descendentes ou nordestinos que migram para a cidade devido às oportunidades de emprego oferecidas pelo polo industrial. De acordo com os autores, esse processo,

que teve início com os primórdios da industrialização na cidade, ainda, no fim do século XIX, com a instalação das primeiras indústrias, foi muito intensificado em meados do século XX, momento que classificam como segunda fase da industrialização do município. No entanto, como esse fluxo migratório, ainda é constante na cidade, a escola recebe frequentemente crianças de famílias migrantes e grande parte dos alunos da escola são filhos e netos desses trabalhadores, já nascidos na cidade.

2.1.3 O perfil da comunidade escolar

A comunidade onde se localiza a escola pesquisada é composta por famílias de classe baixa e média baixa. Em pesquisa de perfil das famílias, realizada pela Gestão Pedagógica da escola para elaboração do Plano de Gestão para 2014/2015, verificou-se que a maior parte dos pais dos alunos possui apenas o Ensino Fundamental completo. Talvez, devido a esse índice de escolarização pouco elevado, a variedade linguística praticada na comunidade, apesar de não estar tão distante, não pode ser considerada como o que se entende por norma culta, na concepção de Faraco (2008, p. 171), que a define como a variedade usada pela parcela economicamente mais favorecida da população e que goza de maior acesso aos bens culturais e à educação formal. No entanto, em alguns casos, ainda se verificam, por parte dos alunos, preconceitos em relação a variedades regionais, como quando a escola recebe um aluno de família migrante, o que não é incomum, e também em relação a usos condenados na língua e que eles são capazes de perceber que representam um desvio da norma que já dominam.

Possenti (1999) traz contribuições que permitem uma reflexão sobre os motivos que engendram esse tipo de preconceito, tanto no que se relaciona com aspectos socioeconômicos quanto aos relacionados à região de origem dos falantes. Destaca-se em sua explanação, no entanto, o fato de que o preconceito linguístico baseado no argumento de que certas variantes linguísticas mereceriam menos prestígio, por serem simplórias, pouco elaboradas e sem padronização, não ter

fundamento. Para o autor, tais preconceitos derivam principalmente de questões econômicas.

Dialetos populares e dialetos padrões (ou cultos) se distinguem em vários aspectos, mas não pela complexidade das respectivas gramáticas. Ou seja, não há dialetos mais simples do que outros. O que há, também neste caso, são diferenças (aliás, nem tantas quanto às vezes se pensa). As diferenças mais importantes entre os dialetos estão menos ligadas à variação dos recursos gramaticais e mais à avaliação social que uma sociedade faz dos dialetos. Tal avaliação passa, em geral, pelo valor atribuído pela sociedade aos usuários típicos de cada dialeto. Ou seja: quanto menos valor (isto é, prestígio) têm os falantes na escala social, menos valor tem o dialeto que falam. (POSSENTI, 1999, 28)

Sem ressaltar juízos de valor a esse respeito, é importante que os alunos reflitam sobre a questão, o que obviamente não se encerra em apenas uma aula sobre diminutivos, mas pode ser um pensamento crítico construído ao longo do curso, quando semelhantes questões emanarem de outros pontos de gramática que venham a ser estudados.

Nota-se que são numerosas as demandas que assume ou que se impõem ao professor de Língua Portuguesa na Educação Básica. Além de muitas, trata-se de questões extremamente complexas e que requerem muito tempo de estudo, preparação e trabalho efetivo com o aluno a fim de serem alcançadas. Ao professor caberá fazer escolhas que propiciem atender àquelas que se mostrem mais urgentes no contexto do público a que atende. Desta forma, pretendemos colaborar com reflexões a respeito de uma particularidade da comunidade escolar que pode se mostrar proveitosa para futuros professores que queiram se aprofundar em questões relacionadas ao estudo que nos propomos a realizar nesta pesquisa.

2.1.4 O papel da escola nesse contexto

As nuances de constituição da sociedade cubatense citadas em seção anterior ecoam no ambiente escolar da UME Mario de Oliveira. Nesse contexto, fica clara a importância de se considerar essa realidade para uma pesquisa na área da

educação, serviço público essencial e que assume um papel decisivo nas possibilidades de transformação dessa realidade. Meta essa que está, inclusive, prevista no PPpI quanto ao perfil de aluno egresso da rede de ensino, que é o mesmo que a escola persegue.

Espera-se que os alunos e alunas:

- a) apropriem-se de maneira crítica e reflexiva do conhecimento historicamente acumulado;
 - b) dominem as habilidades de comunicação (leitura e escrita) e as ligadas ao conhecimento científico, lógico-matemático e tecnológico;
 - c) acreditem em si mesmos, em sua capacidade de aprender com autonomia, percebendo, entendendo e valorizando as relações interpessoais;
 - d) preservem os direitos da pessoa humana em sua diversidade (cultural, étnico-racial e de gênero), por meio de uma consciência ética, política, estética, social e ambiental;
 - e) intelectualmente, desenvolvam-se como pessoas imaginativas, curiosas, capazes de desenvolver ideias e sonhos, que não aceitem simplesmente a realidade como ela é, mas sintam-se constantemente desafiados por ela.
- (CUBATÃO, 2008, p. 53)

Fica evidente nesses itens que a educação escolar tem um papel fundamental na humanização dos alunos ao ser responsável por fazê-los compreender a realidade em que estão inseridos e vislumbrar possibilidades de transformá-la. Ao se considerar mais especificamente o papel da disciplina de Língua Portuguesa, muitos dos itens citados no perfil do egresso estão intimamente ligados a ela, como em questões relacionadas à diversidade, valorização das relações interpessoais e habilidades de comunicação.

A escola em questão, ainda, demonstra preocupação em formar alunos, professores, funcionários e comunidade escolar de forma que aprendam a usar seus saberes para superar os problemas sociais em que vivem e compreendam que por meio do aprendizado podem se constituir como agentes de transformação dessa realidade. No seu Plano de Gestão, manifesta esse objetivo por meio da importância de se pensar a superação das desigualdades sociais em suas amplas dimensões.

Proporcionar uma aprendizagem efetiva a todos os envolvidos (alunos, professores, equipe técnica, funcionários e familiares), pois é através dela que passamos a estabelecer relações com o que se é capaz de saber, com o que já se sabe e se desenha como conhecimento necessário para a superação da desigualdade de acesso aos saberes/ objetos produzidos e acumulados pela humanidade, cuja apreensão permite pensar numa sociedade onde esta desigualdade seja combatida em outras dimensões. (UME MARIO DE OLIVEIRA MOREIRA, 2014, p.18)

Essa mesma perspectiva pode ser percebida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ministério da Educação, os quais citam a importância de que se estude a pluralidade cultural com fins de valorizá-la, superando preconceitos. Para que as orientações aos educadores se fizessem mais claras nesse sentido, um dos cadernos dos PCNs dedica-se exclusivamente ao eixo pluralidade cultural, colocando-o como um tema transversal.

[...] conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais [...] (BRASIL, 1998, p. 7)

Dessa forma, cada uma das disciplinas do currículo escolar assume um papel importante nessa tarefa. Não é difícil de compreender que estudar aspectos sociais de uso da língua e superar o preconceito linguístico é uma das maiores contribuições do estudo da Língua Portuguesa na escola. Ao fazê-lo, pois, o aluno estará sendo levado a refletir a pluralidade cultural que se manifesta em sua língua, como ela a enriquece e amplia suas potencialidades semânticas e expressivas, além de tornar-se mais competente em usá-la de forma mais consciente e efetiva.

2.1.5 O ensino de gramática

O ensino de língua materna na Educação Básica atualmente tem procurado resposta para o questionamento do que se deve ensinar, em relação à língua, aos meninos e meninas que, falantes nativos, quando chegam à escola, já a dominam de forma suficiente para comunicar-se em diversas situações e contextos sociais.

Nesse sentido, Bagno (2013), Neves (2012), Antunes (2007 e 2014), Possenti (1999 e 2004), entre outros, abordam a questão sob o ponto de vista da pluralidade cultural que se reflete na língua e da importância de que a escola a respeite, mas, ao

mesmo tempo, instrumentalize o aluno com elementos de um conhecimento que o permita ser sujeito da produção do seu conhecimento e ampliar sua competência comunicativa, indo além do senso comum.

Quando se fala em estudos de língua, isso se traduz em propiciar ao aluno o contato com as várias possibilidades que sua língua materna oferece para torná-lo um sujeito cada vez mais competente linguisticamente. No entanto, ao mesmo tempo que a escola exerce um papel decisivo em ofertar o acesso aos bens culturais da humanidade, é importante que saiba como fazê-lo sem, contudo, desvalorizar os saberes e os aspectos culturais praticados no grupo de onde os alunos provêm. A esse respeito, Possenti (1999, p. 83) traz importantes reflexões.

Nesse sentido, o papel da escola não é o de ensinar uma variedade no lugar da outra, mas de criar condições para que os alunos aprendam também as variedades que não conhecem, ou com as quais não têm familiaridade, aí incluída, claro, a que é peculiar de uma cultura mais "elaborada". É um direito elementar do aluno ter acesso aos bens culturais da sociedade, e é bom não esquecer que para muitos esse acesso só é possível através do que lhes for ensinado nos poucos anos de escola.

Os estudos recentes na área de linguística e de pesquisadores preocupados com o tema da sociolinguística aplicada à educação costumam concordar que, conquanto não se possa falar de apenas um currículo ideal para o ensino de língua materna na escola, o que se deve garantir como conteúdo de Língua Portuguesa é sempre o que o aluno ainda não domina. Portanto, a norma-padrão, ou, de acordo com a definição de Faraco (2008), com a qual estamos trabalhando, a norma culta. Prega-se um ensino da norma que seja reflexivo e busque desenvolver no aluno a compreensão de como pode ser usada para ampliar sua capacidade comunicativa.

Quanto à necessidade e à utilidade de se ensinar gramática na escola, Possenti (1999) defende que a escola não pode prescindir disso, pois é a única instituição capaz de fazê-lo e a quem cabe o desenvolvimento desse conhecimento que é de direito do aluno. Privá-lo de conhecer a própria língua e a variedade praticada pelas classes mais privilegiadas implica negar-lhe a oportunidade de fazer parte dessa classe, de ascender a ela, caso esse venha a ser seu interesse. O aluno tem direito de conhecer sua língua e aprender a fazer uso das diversas possibilidades que ela oferece.

Talvez deva repetir que adoto sem qualquer dúvida o princípio (quase evidente) de que o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. Qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico. A tese de que não se deve ensinar ou exigir o domínio do dialeto padrão dos alunos que conhecem e usam dialetos não padrões baseia-se em parte no preconceito segundo o qual seria difícil aprender o padrão. (POSSENTI, 1999, p.17)

A norma linguística é uma construção social e uma necessidade para uma regularização de uma comunidade linguística. No entanto, é importante que, ao cumprir seu papel de ensinar a norma utilizada pelos falantes cultos da língua, a escola não a imponha como a única válida em detrimento da variante praticada pela comunidade de que o aluno faz parte, caso esta seja diferente. Pois o uso que o indivíduo faz da língua reflete seu universo cultural, do qual ele não precisa prescindir ao se apropriar de outra variante. O ideal é que essa apropriação lhe proporcione a expansão desse seu universo e não a substituição de um pelo outro.

2.2 O TRATAMENTO DO DIMINUTIVO NOS MANUAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Esta seção se destina a discutir como alguns dos principais estudiosos que contribuíram para a constituição de um rico acervo de compêndios gramaticais de nossa língua compreendem a formação e o uso do diminutivo.

Na Gramática Histórica da Língua Portuguesa de Said Ali, o autor traz a seguinte definição: “nomes com terminações adequadas para denotar diminuição ou aumento das dimensões, proporções ou condições usuais, são diminutivos ou aumentativos” (1971, p. 54). Para o estudioso, os critérios para formação do diminutivo por meio do sufixo *-inho/-zinho* são como descritos a seguir.

O sufixo *-inho -inha* acrescenta-se diretamente ao vocábulo terminado em consoante (*lugarinho*), e, se o substantivo terminar por vogal pura átona, esta será previamente suprimida (*livrinho*). Não serve este sufixo para as palavras terminadas em vogal nasal, em vogal pura tônica ou em ditongo. É necessário substituí-lo então por *-zinho, -zinha*: *jejunzinho, pazinha, liçãozinha, paizinho, mãezinha*. Pode-se usar este sufixo *-zinho* também

para os demais substantivos, a que se ajunta diretamente, e é em geral a forma preferida. (SAID ALI, 1971, p. 55)

Said Ali considera que a seres pequenos ou objetos delicados é comum que os falantes se refiram no diminutivo, isso como forma de exprimir o sentimento de carinho que suscitam e não necessariamente seu tamanho reduzido. Lembra também que, em adjetivos, o sufixo do diminutivo pode ser usado para exprimir valor superlativo.

Para Coutinho, em seu "Pontos de Gramática Histórica" (1982), a formação do diminutivo ocorre por um processo de flexão nominal. Segundo o autor, "são flexões nominais: o gênero, o número e o grau" (p. 232). Dessa forma, "forma-se o diminutivo, em português, com certos adjetivos (*pequeno, minúsculo*) ou com sufixos especiais (*-inho, -ito*)" (p.241).

Coutinho (1982, p. 241) considera mais usuais em português os sufixos *-inho* e *-im*, do latim *-inu*, e acrescenta que "é costume intercalar a consoante de ligação -z- entre o tema e este sufixo, quando a palavra a que ele se ajunta termina em vogal acentuada ou nasal e ditongo". Quanto a aspectos semânticos, o autor cita que a ideia de carinho que alguns encerram remonta a sua origem do latim e que outros assumiram sentido pejorativo, uma vez que a ideia de pequenez se relaciona com a de coisa ridícula (1982, p. 241)

Para Cunha e Cintra (2001, p. 91), a formação do diminutivo ocorre por meio de derivação sufixal, tendo como representante de grande vitalidade na língua a forma *-inho* (*-zinho*), que se pode adicionar tanto a substantivos e adjetivos como também a advérbios e outras palavras invariáveis. Sobre o uso de uma ou outra forma do referido sufixo, os autores fazem as considerações seguintes.

Excetuando-se as palavras terminadas em -s e -z, que naturalmente exigem a forma *-inho* (*piresinho, rapazinho*), não é fácil indicar as razões que comandam a escolha entre *-inho* e *-zinho*. Sente-se que muitas vezes a seleção está ligada ao ritmo da frase. Por outro lado, verifica-se uma preferência na linguagem culta pelas formações com *-zinho*, no evidente intuito de manter íntegra a pronúncia da palavra derivante; a linguagem popular, no entanto, simplificadora por excelência, tende para as formações com *-inho*. Comparem-se, por exemplo, as formas alternantes *baldezinho - baldinho, xicarazinha - xicrinha*, etc. (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 92)

Rocha Lima (2003, p. 86-87) considera que o grau diminutivo do substantivo exprime a diminuição de um ser em relação ao seu tamanho normal, o que pode

também ocorrer, porém de forma excepcional, nos pronomes, verbos e advérbios. Para o autor, pelo processo de derivação, “o diminutivo sintético expressa-se com os sufixos *ito, ulo, culo, ote, ola, im, elho* e, sobretudo, *inho* e *zinho*. Este último é obrigatório quando o substantivo terminar em vogal tônica, ou ditongo: *café, pai – cafezinho, paizinho*”. Semanticamente, o autor considera que o uso do diminutivo exprime ideia de carinho, mas que há também alguns no sentido pejorativo.

Em sua Moderna Gramática Portuguesa, Bechara (2009, p.165) apresenta importantes colaborações à discussão de qual seria o processo de formação do diminutivo, se por flexão ou derivação, as quais constam abaixo.

Aumentativos e diminutivos – Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais: homem – homenzarrão – homenzinho

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*

b) diminutivo: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande, homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levou o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

O autor ainda coloca considerações a respeito de outras funções semânticas do diminutivo, que, além de tamanho, pode expressar o desprezo ou pouco caso de quem fala para com algo ou alguém, “sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte [...]” (BECHARA, 2009, p.168). Além disso, observa ainda que “a ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases lexicais: paizinho, mãezinha, queridinha” (BECHARA, 2009, p. 169).

Basílio (2013) pondera que apesar de a Nomenclatura Gramatical Brasileira, sob influência da gramática clássica, considerar o grau como flexão, os gramáticos atualmente consideram o grau como derivação, enquadrando-se, assim, no âmbito da formação de palavras. A autora destaca como principal estratégia de formação do

diminutivo a adição do sufixo –inho, alternado “com –zinho, utilizado quando a forma base termina em consoante, ditongo ou vogal acentuada [...]” (BASILIO, 2013, p. 71). A autora traz ainda considerações importantes sobre diferenças no estatuto morfológico de –inho e –zinho de forma mais detalhada, a saber:

Os sufixos –inho e –zinho também diferem pelo fato de que, enquanto –inho se integra totalmente à fonologia do elemento base, como qualquer outro sufixo, –zinho apresenta peculiaridades semelhantes às que vimos na formação de advérbios em -mente. Em especial, a adição de –zinho mantém a linha geral da acentuação tônica da palavra base [...]

Mas a característica mais desconcertante das formações em –zinho é o fato de que a adição de –zinho não impede a flexão de gênero e número da palavra base.

Sabemos que o diminutivo de adiciona ao substantivo básico; se este for flexionável, essa flexão se transfere ao sufixo –inho [...]

Entretanto, no caso da adição de –zinho, a flexão é feita não apenas no sufixo, mas também na base, tanto em gênero quanto em número [...]. (BASILIO, 2013, p. 71-72)

No dicionário eletrônico Houaiss (2001) de língua portuguesa, aponta-se sua origem a partir do latim vulgar com destaque para as ocorrências abaixo.

1) na linguagem afetiva, pode ocorrer a multiplicação do mesmo suf. dim.: *menino:menininho:meninozinho:menininhinho:menininhozinho*, a par de *gosto:gostinho:gostinhozinho* etc.; **2)** ocorre com valor intensificador em advérbios: *agorinha* ('nesse exato momento'), *devagarzinho* ('muito devagar'); **3)** ocorre, em adjetivos, com valor intensificador: [céu] *azulzinho* ('completamente azul'), [estante] *tortinha* ('muito torta') e/ou amenizador: [rapaz] *escurinho*; **4)** apresenta frequentemente ao usuário a opção -inho com -zinho: *bote:botinho:botezinho*, *burro:burrinho:burrozinho*; **5)** é sistematicamente evitado nos casos em que a pal. no grau normal termina em vogal tônica nasal ou ditongo (*capitãozinho*, *orfãozinho*, *chapeuzinho* e *chaspelinho* e, no Brasil, porque frequentemente -el = -eu, *papelzinho*, *pastelzinho*, *postalzinho*) ou por sílaba tônica fechada no timbre ou por consoante: *avozinho*, *altarzinho*, *canalzinho*, *armazenzinho* (ver -z-).

Verifica-se que estão contempladas no dicionário diversas questões semânticas relacionadas ao uso do diminutivo, o que coaduna com os autores citados anteriormente e colabora bastante para uma visão mais acurada sobre a amplitude de significações e possibilidades que o sufixo encerra. Houaiss ainda observa que o –inho pode ocorrer em português sem valor sufixal devido a uma convergência fonética com seu antecessor, quando este não apresenta conexão com uma palavra em grau normal, exemplos: *caminho*, *sobrinho*, *vizinho*, entre outros.

Sandmann (1989) entende o -inho como um morfema derivacional de grau que apresenta grande produtividade em português e encerra uma ampla gama de significações.

Diminutivos podem expressar simpatia por um objeto como em **serzinho**. Outras vezes, objetivam suavizar uma situação desagradável. Se alguém diz **corridinha** ao invés de **corrida**, quer-se produzir a impressão de que a extensão a percorrer não será tão longa ou cansativa; um tempo de espera, depois de **Um momentinho!**, não deve parecer tão longo. O aspecto meliorativo ou pejorativo muitas vezes só se depreende do contexto ou da situação, o que faz parte do lado pragmático da linguagem [...]. (SANDMANN, 1988, p. 40)

Como se vê, o autor destaca o caráter pragmático das diversas significações que se podem atribuir ao uso das formas diminutivas, visto que, devido ao seu emprego ser muito frequente e constituir um hábito muito arraigado na fala do brasileiro, elas já teriam perdido em grande parte dos casos, sua força expressiva.

Embora os estudos mais recentes na área da formação de palavras já tenham superado a definição dada pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) ao diminutivo como flexão de grau, essa nova abordagem ainda não é tão pacífica como parece. Gonçalves (2011) dedica um interessante estudo à análise das operações morfológicas de flexão e derivação, no qual analisa vários aspectos inerentes a cada um desses processos, testando-os a partir de diversas premissas dadas pela teoria morfológica contemporânea para, por fim, concluir que é pouco acurada uma classificação muito rígida de cada um desses processos.

Para exemplificar o trabalho do autor, pode ser interessante fazer um recorte de um dos aspectos que ele verifica quanto ao sufixo formador do diminutivo. O autor elenca, por meio de máximas, treze aspectos que contribuem para a classificação de uma operação morfológica como flexional ou derivacional. Tomando como exemplo as três primeiras, temos sua **relevância sintática**, **seus meios de materialização** e sua **aplicabilidade**, cujas máximas estão respectivamente transcritas a seguir.

- (i) A flexão é requerida pela sintaxe da sentença, isto é, um contexto sintático apropriado leva à expressão das categorias flexionais, o que não acontece com a derivação, isenta do requisito "obrigatoriedade sintática".

- (ii) Um afixo é flexional se o significado que veicula manifesta-se apenas morfológicamente. Quando há concorrência de estratégias para exteriorar determinado conteúdo, o afixo deve ser analisado como derivacional.
- (iii) A flexão é mais aplicável que a derivação, na medida em que estrutura paradigmas mais regulares e sistemáticos. As marcas flexionais são de uso automático e as derivacionais de uso esporádico. (GONÇALVES, 2011, p. 12;20;24)

Ao testar diversos afixos em diferentes situações de uso, o autor que verifica que alguns deles se alinham com umas e não com outras dessas máximas.

A gradação dimensiva também constitui processo altamente produtivo em português. De fato, é possível adicionar *-(z)inho* a praticamente todos os nomes da língua. De acordo com Piza (2001), esse sufixo tem aplicabilidade tão grande que pode até extrapolar os limites categoriais da base, anexando-se a pronomes, advérbios, numerais e interjeições [...]. Como praticamente não existem lacunas, *-(z)inho* pode ser considerado flexional pelo critério (iii), contrariando, portanto, o diagnóstico feito pelos parâmetros (i) e (ii). (GONÇALVES, 2011, p. 29)

O fato de o sufixo do diminutivo ser classificado como flexional, portanto, implicaria em sua abordagem relacionada à sintaxe, permitindo seu tratamento como um item incorporado à gramática da língua. A sua classificação como sufixo derivacional, por sua vez, ressalta sua função como recurso de ampliação do lexical da língua, uma área de estudo mais livre e menos previsível e sistematizável.

Pelas contribuições teóricas relacionadas e comentadas nesta seção, foi possível verificar que o estudo do uso do diminutivo pode proporcionar um rico material de estudo, análise e reflexão sobre a língua e fornecer elementos que preparem o aluno para a melhor compreensão e emprego de recursos expressivos nos textos com que venha a lidar.

2.3 O DIMINUTIVO ENTRE AS ESFERAS DO LÉXICO E DA GRAMÁTICA

A posição que o tema formação de palavras ocupa nos estudos da língua é uma discussão de grandes proporções entre os estudiosos da área, visto que alguns

consideram que suas aplicações constituem a esfera lexical da língua, enquanto outros incluem o tópico na seção de morfologia de seus compêndios gramaticais.

Para Irandé Antunes (2007), a gramática, enquanto conjunto de regras que definem o funcionamento de uma língua, abarca

[...] todas as regras de uso de uma língua. Envolve desde os padrões de formação das sílabas, passando por aqueles outros de formação de palavras e de suas flexões, até aqueles níveis mais complexos de distribuição e arranjo das unidades para constituição das frases e dos períodos. Nada na língua, em nenhuma língua, escapa a essa gramática. (ANTUNES, 2007, p. 26)

Verifica-se que a concepção de gramática exposta pela autora no excerto supratranscrito inclui aspectos relativos à formação de novas palavras e suas flexões, o que permite, de acordo com a pesquisa bibliográfica realizada sobre o tratamento do diminutivo nos manuais de língua portuguesa, incluí-lo nas aulas de língua materna como elemento a ser trabalhado em suas relações com aspectos gramaticais da língua.

As definições de Vilela para léxico e para gramática também podem apoiar essa concepção de estudo e ensino de formação de palavras e uso do sufixo como parte da gramática escolar.

Uma das disciplinas linguísticas que mais confina com **léxico** é a da gramática. A delimitação tradicional entre estas duas disciplinas é que o léxico constitui um sistema aberto, mais ou menos imprevisível e quase infinito e a **gramática** forma um sistema fechado: as estruturas fonológicas, morfológicas (morfemas, artigos, conjunções, preposições, pronomes, sufixos, desinências nominais e verbais), estruturas sintáticas (como modelo de construção) fazem parte de um conjunto finito. (VILELA, 1995, p. 15)

Para o autor, ainda que haja uma divisão entre essas duas esferas de estudo e análise da língua, o léxico e a gramática estão intimamente ligados e funcionam de forma colaborativa no uso da língua. Note-se, ainda, que o estudioso cita morfemas e sufixos como elementos que fazem parte do sistema fechado que constitui a gramática. Antunes corrobora essa concepção considerando que

[...] esses dois componentes estão em íntima inter-relação; estão em permanente entrecruzamento; tanto que o componente da gramática inclui regras que especificam a criação de novas unidades do léxico ou sua

adaptação às especificidades morfológicas da língua, pela mobilização de seu estoque de radicais, prefixos e sufixos. (ANTUNES, 2007, p. 40)

Notamos que, para Antunes, ocorre uma influência direta de questões da esfera gramatical sobre questões de esfera lexical, ademais, a autora defende que questões lexicais assumem um papel importante enquanto elementos de textualização. Há, ainda, segundo Antunes, uma grande relevância do ensino do léxico no que concerne ao domínio de um padrão culto de uso da língua.

O componente lexical também conta significativamente para se definir e reconhecer os usos socialmente prestigiados da língua. Talvez conte mais do que o padrão gramatical. De fato, comumente, as variações lexicais estigmatizadas (por exemplo, “muié”, “trabaiá”, “estauta”, “ceuveja”, “sastifação”) causam mais impacto do que outras de natureza gramatical, algumas das quais até passam despercebidas. (ANTUNES, 2007, p. 43)

Para a autora, apesar de haver uma preferência da escola pelo ensino da norma gramatical e da crença de que esta baste para que o aluno desenvolva a habilidade de utilizar a variedade linguística de prestígio, são questões lexicais as que mais saltam aos olhos dos falantes tanto em relação a usos inadequados, considerados como erro, quanto em relação a usos socialmente valorizados, admirados e almejados enquanto representantes de uma capacidade de se expressar bem.

Cabe aqui ressaltar, no entanto, que há limites e diferenças essenciais entre o campo da gramática e o campo do léxico, e, a respeito, a fala de Vilela a seguir resume.

Isto é, as palavras compendiam o que sabemos acerca do mundo, mas não esgotam a possibilidade de **referência** acerca do mundo. [...] Os recursos lexicais duma língua influenciam no que pode ser dito e no modo como pode ser dito. A estrutura lexical da língua é não só o <<stock>> das palavras e expressões e das preferências (colocações) como ainda o <<stock>> dos moldes “já feitos” para repertoriarmos a nossa experiência da realidade. A gramática fornece-nos a chave acerca do modo como as palavras se combinam. A escolha lexical é ampla: é fácil introduzirmos uma nova palavra, mas é difícil introduzirmos uma nova regra gramatical ou uma nova categoria: a gramática é apertada na liberdade de escolha. (VILELA, 1995, p. 221)

Para o autor, o léxico assume um papel específico na língua, apesar de não ser tão restrito, tem suas limitações. A gramática assume outro papel menos flexível

e menos mutável, mas fundamental para propiciar diferentes formas de representação do mundo pelo uso da língua.

Dessa forma, podemos considerar que a abordagem de um trabalho com o emprego do sufixo de diminutivo como componente gramatical encontra respaldo na concepção de tais estudiosos do âmbito da gramática, do léxico e do seu estudo e ensino nas aulas de língua materna.

A partir desses contributos teóricos, será possível verificar quais aspectos do uso do diminutivo são considerados ou negligenciados no livro didático em análise.

3 ANÁLISE DA ABORDAGEM DA UTILIZAÇÃO DO DIMINUTIVO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO PROJETO TELÁRIS

3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A COLEÇÃO ESCOLHIDA

A coleção de Língua Portuguesa do Projeto Teláris, da editora Ática, é de autoria de Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi e apresenta-se em quatro volumes, atendendo do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II.

A referida coleção foi selecionada como objeto de análise nesta pesquisa por ter sido a escolhida pelas professoras de Língua Portuguesa da UME Mario de Oliveira Moreira, na mais recente edição do Programa Nacional do Livro Didático, em 2013. Dessa forma, esta será a coleção a ser utilizada pelos professores da escola entre 2014 e 2016, quando então haverá nova escolha. Apesar de não ser o único material utilizado pelas professoras, o livro didático representa um material básico e fundamental que serve de apoio e complemento às aulas.

Cada volume está organizado em quatro unidades temáticas e cada uma dessas unidades subdivide-se em dois capítulos, o que atende ao número de períodos letivos em um ano, sendo quatro bimestres e oito meses que o professor tem de efetivo trabalho, reservando-se o tempo de diagnóstico inicial, avaliações e encerramentos de períodos.

Os capítulos estão organizados de forma mais ou menos estável, constituídos pelas seguintes seções como ilustra o quadro abaixo.

SEÇÕES		CONTEÚDOS
ABERTURA		Texto para ativação de conhecimentos prévios.
LEITURA(S) PRINCIPAL(AIS)		Gênero a ser estudado.
INTERPRETAÇÃO DO TEXTO	Compreensão	Predomínio de questões de localização de informações e/ou dados, constatações, inferências simples, aspectos literais do texto.
	Construção do texto	Estrutura composicional e condições de produção dos gêneros → inferências sobre efeitos de sentido provocadas pela estrutura.
	Linguagem do texto	Escolhas de linguagem e recursos linguísticos → inferências sobre efeitos de sentido provocadas pelas escolhas linguísticas.
	Hora de organizar o que estudamos	Mapa conceitual para organizar o conhecimento sobre o gênero estudado.
PRÁTICA DE ORALIDADE	Um bom debate	Debate para que os alunos se posicionem frente a temas propostos.
	Outras práticas	Atividades diversas: saraus, dramatizações, leituras expressivas e dramatizadas, exposições orais...
AMPLIAÇÃO DE LEITURA	Outras linguagens	Leitura orientada de obras em linguagem não verbal ou verbo-visual: pintura, ilustração, foto, mapa, gráfico, quadrinhos, publicidade...
	Conexões	Seção especialmente dedicada às relações de <i>intertextualidade</i> : textos que dialogam com os textos principais da unidade, informações de apoio, curiosidades...
LÍNGUA: USOS E REFLEXÃO	Estudos linguísticos e gramaticais	Estudo sobre escolhas linguísticas realizadas nos textos estudados e sobre usos e convenções dos modos de organização do sistema da língua portuguesa.
	Hora de organizar o que estudamos	Mapa conceitual para organizar os conceitos linguísticos estudados.
PRODUÇÃO DE TEXTO		Orais, escritos, verbais e não verbais, individuais, coletivos, em duplas, de acordo com o gênero estudado.
OUTRO(S) TEXTO(S) DO MESMO GÊNERO		Outro momento de ampliação de leitura com texto(s) do mesmo gênero que foi foco do capítulo para enriquecimento de repertório.
O QUE ESTUDAMOS NESTE CAPÍTULO		Síntese dos conteúdos estudados no capítulo para auxiliar a autoavaliação do aluno.

Figura 1 – Quadro da estrutura dos capítulos

Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi (2012c, p. 28-29)

Neste capítulo são analisadas as atividades do livro didático de língua portuguesa do projeto Teláris voltadas para a abordagem do diminutivo. Esse assunto aparece, majoritariamente, ao longo do volume 1 da coleção, destinado ao 6º ano. Chama atenção o fato de que, em vez de estar concentrado em uma única seção e esgotar-se ali, o assunto vem distribuído por diferentes capítulos e trabalhado a partir de diferentes textos. As autoras justificam essa metodologia por adotarem a progressão de conteúdos de forma espiral.

As sequências didáticas são organizadas em torno dos gêneros. No desenvolvimento da sequência em torno dos gêneros, propõem-se "recortes" de conteúdos delimitados, organizados em etapas no conjunto dos estudos para que o aluno se aproprie de conceitos específicos.

A estruturação da obra em sequências didáticas determinou uma gradação de desafios ao longo da unidade, ao longo de cada volume e ao longo da coleção.

[...]

Esse aprofundamento gradual pode também ser observado nos estudos sobre a língua, que, além de tratar dos aspectos conceituais e descritivos, associam os conteúdos aos usos encontrados na progressão de textos no decorrer da coleção. Conceitos e conteúdos são retomados sempre que necessário. [...]

Essa estruturação da obra em sequências didáticas pretende contemplar a **progressão em espiral**. (BERTIN; BORGATTO; MARCHEZI, 2012c, p. 15) (grifo das autoras).

Dessa forma, pela análise dos quatro volumes da coleção, foi possível verificar que o uso do diminutivo foi abordado apenas no volume 1, voltado ao 6º ano, e no volume 2, que corresponde ao 7º ano. No entanto, nesse último, encontra-se apenas uma ocorrência que constitui uma explicação e exemplificação de uso de marcas de oralidade na crônica, sem nenhuma proposta de que o aluno realize análises e atividades a respeito.

Foi possível, portanto, verificar que essa questão de uso da língua foi priorizada no primeiro volume. Seguindo a proposta de progressão em espiral dos conteúdos, no livro do 6º ano, o diminutivo é apresentado introdutoriamente na Unidade 1, capítulo 1, como recurso para caracterização das personagens do conto de abertura do capítulo. A sua próxima ocorrência se dá no Capítulo 2 do livro, a partir da análise da linguagem de outro conto popular, e a atividade 3 é sua continuação. A retomada e o aprofundamento do tema ocorre na Unidade 2 do livro, cujo capítulo 4, intitulado "Conto e realidade" é introduzido com o conto "A menina e as balas", de Georgina Martins, a partir do qual são propostas as atividades, também com finalidade de analisar a linguagem do texto.

3.2 A CONCEPÇÃO DE TRABALHO COM A LINGUAGEM NA COLEÇÃO, SEGUNDO AS AUTORAS

Como se pode verificar no quadro de seções e conteúdos em que a coleção se divide (figura 1), as questões de linguagem na coleção são trabalhadas em dois momentos, primeiramente, depois de um momento de leitura e, em seguida, em outra seção separadamente e de forma mais sistemática, conforme descrevem as autoras.

Nesta coleção, os fatos linguísticos destacados, que serão objeto de estudo, são primeiramente apontados ao longo da interpretação do texto, especialmente na seção *Linguagem do texto*. Primeiramente, para que se deduzam os efeitos de sentido e, posteriormente, para que se tornem ponto de partida para a descrição e sistematização dessas ocorrências linguísticas. (BERTIN; BORGATTO; MARCHEZI, 2012c, p. 13)

No entanto três das atividades aplicadas e aqui analisadas estão presentes na seção *Linguagem do texto* em dois capítulos de unidades diferentes, como já descrito. E uma delas, a primeira, está na seção *Construção do texto*, em que se apresentam os elementos da narrativa. Nessa atividade, o diminutivo foi utilizado para caracterizar as personagens e a linguagem utilizada por elas. Essa divisão se dá para que os fatos da língua mais relevantes no texto sejam primeiramente trabalhados de forma a permitir a análise de qual o seu papel no texto, qual o efeito de sentido causado por eles e a sua adequação ao gênero. Essas atividades que aparecem na seção *Linguagem do texto* realmente seguem o que as autoras defendem, como anteriormente colocado, ao proporcionarem, por meio da análise linguística, um melhor entendimento da construção da textualidade e de características do gênero trabalhado.

Outro momento em que as questões de linguagem serão trabalhadas de forma mais sistemática e aprofundada na coleção será na seção *Língua: usos e reflexão*. Apesar da coerência entre a intenção das autoras em relação ao trabalho com questões de linguagem que tenham o texto como objeto de análise, o mesmo sucesso não fica tão evidente nesta seção. Os pontos de gramática trabalhados na seção *Língua: usos e reflexão*, nem sempre conversam com os pontos trabalhados na seção *Linguagem do texto*.

Marcos Bagno (2013), ao analisar todas as coleções de Língua Portuguesa aprovadas no PNLD do Ensino Fundamental de 2008, em relação a como abordam a questão das variedades linguísticas, questiona-se por que, apesar de serem consideradas boas coleções e de já tratarem leitura e produção escrita de acordo com os mais novos estudos na área e de apresentarem muito boa seleção de textos, ainda se prendem muito à abordagem transmissiva no ensino de gramática, seguindo ainda nos manuais uma tradição gramatical já ultrapassada pela sociolinguística e pela sociologia da linguagem.

O próprio autor conclui que isso ocorre, entre outros motivos, devido a uma grande pressão por parte das editoras para que o material não sofra grandes alterações a fim de reduzir custos de produção, além de atender às expectativas de agentes envolvidos e de grande influência na cultura escolar, como coordenadores, professores, pais e alunos, para os quais ainda resta a crença de que "'ensinar português' é o mesmo que 'ensinar gramática' e que 'ensinar gramática', por sua vez, é ensinar nomenclatura tradicional por meio de exercícios mecânicos de aplicação" (Bagno, 2013, p. 18).

Esse seja, talvez, o motivo que leva as autoras do Projeto Teláris de Língua Portuguesa a separarem a análise linguística em dois momentos distintos do capítulo, em um, já em uma tentativa de atender às teorias linguísticas contemporâneas, em outro, para não deixarem de atender às demandas de mercado e não correrem o risco de desaprovação. Para exemplificar essa constatação e para que a lista não fique muito longa e exaustiva, listam-se a seguir os conteúdos trabalhados nas seções *Linguagem do texto* e *Língua: usos e reflexão* apenas dos três capítulos do livro em que se aborda o uso de formas diminutivas, a cuja análise este trabalho se dedica.

Unidade 1:	Contos da tradição oral
Capítulo 1:	“Causo”/ Conto
Leitura:	O bisavô e a dentadura, Sylvia Orthof
Linguagem do texto:	Linguagem informal e linguagem formal
Língua: usos e reflexão	Variedades linguísticas Linguagem formal e informal
Capítulo 2:	Conto popular <i>em verso</i> e conto popular <i>em prosa</i> .
Leitura 1:	A panela..., Pedro Bandeira
Linguagem do texto:	Variedades linguísticas
Leitura 2:	Por que o morcego só voa de noite, Rogério Andrade
Linguagem do texto:	Não há essa seção para análise deste texto.
Língua: usos e reflexão	Frase: sinais de pontuação. A ordem das palavras nas frases.
Unidade 2:	Conto: imaginação e realidade
Capítulo 3:	Conto em prosa poética
Leitura:	O sabiá e a girafa, Leo Cunha
Linguagem do texto:	1. Jogos sonoros 2. Ampliações ou reduções de palavras próprias da oralidade 3. Criação de palavras 4. Sentidos
Língua: usos e reflexão	As frases e as palavras (I) Classes de palavras: variáveis e invariáveis Substantivos Classificação dos substantivos Próprios e comuns Concretos e abstratos Simples e compostos Primitivos e derivados Coletivos
Capítulo 4:	Conto e realidade
Leitura:	A menina e as balas, Georgina Martins
Linguagem do texto:	Língua falada e língua escrita
Língua: usos e reflexão	As frases e as palavras (II) Determinantes do substantivo Adjetivo Locuções adjetivas Outros determinantes do substantivo Artigo Numeral Concordância entre o substantivo e seus determinantes.

Figura 2 – Quadro de distribuição dos conteúdos de análise linguística

Fonte: Elaboração própria

Na figura 1, pode-se verificar que a subseção *Linguagem do texto* é uma das ramificações da seção *Interpretação do texto*, portanto, conforme já exposto anteriormente, dedica-se a promover uma análise de elementos linguísticos de constituição do texto a fim de promover, juntamente com outros aspectos, sua compreensão e interpretação.

O estudo da língua com base em gêneros discursivos situa e contextualiza de forma mais clara os aspectos linguísticos a ser analisados, pois vincula-os às escolhas de linguagem realizadas pelo autor na consecução de suas intenções. Com isso, o estudo gramatical ganha sentido, pois passa a dirigir a reflexão não apenas para o domínio de uma norma, mas também para o domínio das possibilidades de escolha disponíveis para o usuário da língua. (BERTIN; BORGATTO; MARCHEZI, 2012c, p. 7)

Na figura 2, no entanto, percebe-se que apenas no Capítulo 1, a seção *Língua: usos e reflexão* se destina a sistematizar os fatos de linguagem que foram trabalhados para compreender os sentidos do gênero textual na seção *Linguagem do texto*. A partir do Capítulo 2, no entanto, o que se verifica é que as autoras passam a utilizar a seção *Língua: usos e reflexão* para atender ao conteúdo gramatical tradicionalmente previsto para o 6º ano. Assim, neste capítulo, contemplam os tipos de frase (verbal e não verbal) e sinais de pontuação e, nos dois capítulos subsequentes, tratam das classes de palavras, inclusive com classificações dos substantivos e listagem das outras classes de palavras de forma descontextualizada em relação aos gêneros textuais trabalhados nas respectivas unidades.

Como será possível verificar pela análise das atividades, as autoras, ainda que parcialmente, cumprem, na proposição das atividades, aquilo que prometem no Manual do Professor em relação a como serão trabalhados os fatos da língua na coleção. Percebe-se que, assim como defendem, elas costumam partir do texto para propor a análise do uso das formas no diminutivo. No entanto percebeu-se necessário analisar criticamente a seleção de textos a partir dos quais as autoras abordam o uso do diminutivo. Isso porque o gênero a que o texto pertence e as circunstâncias em que o diminutivo ocorre nele podem revelar um posicionamento do livro didático em relação a esse fato da língua passível de ser problematizado à luz das teorias de linguagem que embasam este trabalho.

3.3 APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES DO LIVRO DIDÁTICO

3.3.1 Atividade 1: Texto em estudo: “O bisavô e a dentadura” de Sylvia Orthof

A atividade analisada a seguir encontra-se no volume 1 da coleção, portanto, no livro do 6º ano. O Capítulo 1 do livro intitula-se “Causo”/Conto e está voltado a introduzir os elementos da narrativa. O texto de abertura desse capítulo é “O bisavô e a dentadura”, de Sylvia Orthof. Esse texto serve como base para as atividades de leitura a serem desenvolvidas. A atividade a seguir compõe a explicação dos elementos da narrativa apresentada pelas autoras na seção *Construção do texto*.

Personagens

Personagens são elementos que dão vida à história, fazendo com que ela aconteça. Muitas vezes, tanto nas narrativas orais como nas escritas, as personagens não são nomeadas, sendo identificadas por diferentes características, como as relações de parentesco.

1. Escreva em seu caderno quais são, além do bisavô Arquimedes, as personagens desse conto. *Pai, mãe, avô, avó, filhos, netos, sobrinhos, afilhados, a comadre que ficou viúva, a solteirona que era irmã da avó da Mariquinha.*
2. Releia alguns dos nomes de personagens que aparecem nesse conto:

Mariquinha	Maroquinha	Toninho	Tia Santinha
------------	------------	---------	--------------

Que tipo de relação entre as pessoas nos revelam esses nomes terminados com as formas *-inho* ou *-inha*? *Prof.(a), espera-se que os alunos percebam que essas terminações (diminutivos) demonstram a afetividade, o tratamento familiar, íntimo.*

Figura 3 – Atividade 1 do livro didático

Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi (2012a, p. 23)

As questões procuram explorar um dos recursos utilizados pela autora, Sylvia Orthof, para apresentação e caracterização das personagens. Pela resposta esperada dos alunos que consta no Manual do Professor, percebe-se que, com essa atividade, ocorre uma primeira abordagem do uso do diminutivo considerando-se seu aspecto semântico de afetividade. A seguir, pode-se verificar como os alunos compreenderam essa questão no texto.

Respostas dos alunos à questão 2.

Figura 4 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

Para auguem chamar um de Toninho tem que ser parente, no locau de trabalho tem que chamar de Antonio.

E se você tiver algum parente todos chama ela de Mariquinha, Maroquinha.

- E se você tiver uma que se chama Tia Santinha so parente que dever colocar esses nomes no local de trabalho não pode colocar esses nomes.

Figura 5 – Transcrição da figura 4.

Fonte: Elaboração própria

Figura 6 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

2) Uma relação informal ou carinhosa e tal.

Figura 7 – Transcrição da figura 6.

Fonte: Elaboração própria

Figura 8 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

Relação, de amigos, família

Figura 9 – Transcrição da figura 8

Fonte: Elaboração própria

As figuras 4, 6 e 8 apresentam amostras dos três tipos de respostas mais recorrentes entre os alunos que realizaram a atividade, que contabilizaram trinta e dois ao total nas duas salas de 6º ano.

A primeira aluna, para ilustrar sua interpretação, utilizou a justificativa de que o uso do diminutivo ocorre no conto lido porque as personagens estão em um ambiente familiar e que, portanto, permite isso, mas que, em contrapartida, em um ambiente de trabalho, que ela entende por ser mais formal, não caberia chamar por exemplo a personagem Toninho dessa forma, e sim de Antonio, o qual ela supõe seja seu verdadeiro nome. Outros oito alunos apresentaram variantes da mesma resposta e utilizaram-se do mesmo expediente para exemplificação.

A aluna que apresentou a resposta da figura 6 considera que o uso de diminutivo nos nomes das personagens revela uma relação informal e afetiva entre as mesmas. Outros treze alunos apresentaram variantes da mesma resposta.

O aluno que apresentou a resposta da figura 8 considera que esse tipo de tratamento revela uma relação familiar ou de amizade entre as personagens. Essa é

a resposta mais recorrente entre os alunos que realizaram a atividade. Houve outras dezesseis ocorrências dessa resposta.

Para iniciar a análise dessa primeira atividade, é importante considerar que a Unidade 1 do livro, onde a atividade se encontra, trata de contos da tradição oral. Na introdução do capítulo 1, explica-se que a história que virá a seguir é um "causo", narrativa popular que passa de geração para geração, que foi recontada por Sylvia Orthof, por escrito, mas que mantém muitas características próprias da fala (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012a, p.18).

Ao longo do capítulo, em relação à linguagem, serão trabalhados aspectos relacionados ao uso da língua na modalidade formal e na modalidade informal. Assim, a seção *Língua: usos e reflexão*, tem como título *Variedades linguísticas* e subtítulo *Linguagem formal e informal*. Para as autoras, o uso da linguagem formal ou da linguagem informal se dará em função de diferentes fatores, entre os quais, citam: a situação comunicativa, que envolve a circunstância, o interlocutor e a intenção; a região do falante; e o grupo social do falante (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012a, p. 30).

Ao verificar como ocorre essa abordagem pelas autoras, cabe aqui evocar Bagno (2013) que analisa uma tendência dos livros didáticos de língua portuguesa a mesclarem termos que, para a ciência sociolinguística, são bem distintos e que podem imprimir preconceitos em relação a algumas variedades linguísticas ao atribuir-lhes a feição de informalidade.

Também é visível nos LD a tendência a tratar da variação linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Parece estar por trás dessa tendência a suposição (falsa) de que os falantes urbanos e escolarizados usam a língua de um modo mais uniforme, mais "correto", mais próximo do padrão, e que nesse uso não há variação. De fato, como vamos ver, a variação presente nas normas urbanas de prestígio é sistematicamente atribuída à "informalidade", o que é um tremendo equívoco de análise. (BAGNO, 2013, p. 82)

Para o autor, essa carência de acuidade teórica pode levar os alunos a construírem a ideia equivocada de que "variação é coisa de caipira", para utilizar suas próprias palavras. Apesar de não ser o foco deste trabalho criticar a forma como as autoras tratam questões teóricas mais profundamente, traçar os aspectos contextuais em que a atividade em questão ocorre é importante para compreender que tipo de leitura se pode fazer dela.

Nota-se nas respostas dos alunos, por exemplo, que muitos consideraram que o uso do diminutivo nos nomes das personagens representa a informalidade da relação entre as personagens e da situação em que estão envolvidas, inclusive mencionando que, em uma situação mais monitorada, como no ambiente de trabalho, esse uso não seria apropriado. A resposta esperada pelas autoras que consta no Manual do Professor, no entanto, considera apenas o aspecto de afetividade que ocorre no ambiente familiar.

Com respaldo nas contribuições de Bagno, pode-se fazer a avaliação de que o fato de "O bisavô e a dentadura" tratar-se de um conto popular, cuja história ocorre no interior de Minas Gerais, pode ter influenciado na forma como os alunos julgaram o uso do diminutivo, levando-os a associar o fato de o grupo social que pratica essa variedade não gozar de prestígio, o que leva a classificar esse uso como algo não apropriado para um ambiente de trabalho, por exemplo.

3.3.2 Atividade 2: Texto em estudo: “A panela...” de Pedro Bandeira

A atividade ora analisada encontra-se no Capítulo 2 do livro, intitulado “Conto popular em verso e conto popular em prosa”. Como se pode verificar pelo título, este capítulo se dedicará a explicar, analisar e trabalhar os elementos característicos e constituintes desses gêneros textuais. A explicação e as questões que seguem representam a primeira parte da seção *Linguagem do texto*, que, no presente capítulo, está voltada para o tema *Variedades linguísticas*, sendo esse o subtítulo da seção.

O texto que introduz esse capítulo é o conto de Pedro Bandeira “A panela do diabo”, renomeado como “A panela...” para fins didáticos. É dele que são retiradas as palavras e expressões analisadas nos exercícios 1 e 2 a seguir.

No conto “A panela...”, há os seguintes casos de uso da linguagem informal:

1 Uso de diminutivos

1. Observe algumas palavras do conto usadas com a terminação *-inho/-inha*:

“fazer uma **comprinha**”; “foi provar da **panelinha**”; “estava bem **quentinha**”; “qualquer **caldinho** ralo”.

Essas palavras estão na forma do **diminutivo**. Das palavras no diminutivo destacadas, escreva no caderno:

- a) as que estão ligadas à ideia de carinho, afeto, valorização; *Panelinha, quentinha.*
- b) as que estão ligadas à ideia de pouco-caso, desprezo. *Comprinha, caldinho.*

2. Releia:

“... num **joguinho** o Zé Trabuco
com trapaça nos venceu”

Nesse caso, o diminutivo *joguinho* está associado a qual ideia: afeto ou desprezo?

Por quê? *Prof.(a), espera-se que o aluno perceba que a palavra foi usada no sentido de pouco-caso, de desprezo, porque foi um jogo sujo.*

Geralmente o **diminutivo** está associado à ideia de coisas pequenas, menores que o normal. Exemplos: *mesinha, ratinho, bolinha.*

Mas na linguagem mais informal pode estar associado às ideias de:

- carinho, afeto, valorização, como em: *paizinho.*
- pouco-caso, desprezo, ironia, como em: *gentinha.*

Figura 10 – Atividade 2 do livro didático

Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi (2012a, p. 48).

Respostas dos alunos aos exercícios

Dos trinta que responderam à atividade, apenas seis apontaram corretamente o sentido em que, segundo o Manual do Professor, os termos no diminutivo foram usados.

Exercício 1

Os termos cujos sentidos representaram maior dificuldade de identificação para os alunos foram “comprinha”, o qual dezenove alunos consideraram estar ligado à ideia de carinho, afeto, valorização; e “panelinha”, que catorze alunos julgaram estar ligado à ideia de pouco-caso, desprezo. A palavra que menos erraram foi “caldinho”, vinte e cinco alunos julgaram estar sendo usada no sentido de pouco-caso e desprezo, provavelmente, pelo fato desse juízo ficar claro na história, onde vem acompanhada de palavras que o indicam.

O fato de apenas um quinto dos alunos que realizaram a atividade terem respondido de acordo com o esperado pode ser um indicador de que essa atividade apresente algum problema relativo à elaboração, visto que o texto não é de muito difícil leitura e compreensão.

Figura 11 – Resposta do aluno
Fonte: Elaboração própria

- a) Caldinho e Panelinha
- b) Comprinha e quentinha

Figura 12 – Transcrição da figura 11.
Fonte: Elaboração própria

Figura 13 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

1- a) Comprinha, quentinha

1- b) Caldinho, panelhinha

Figura 14 – Transcrição da figura 13.

Fonte: Elaboração própria

Figura 15 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

1 a) panelinha e quentinha

b) comprinha, caldinho

Figura 16 – Transcrição da figura 15.

Fonte: Elaboração própria

Exercício 2

O exercício 2 destaca uma fala dos tropeiros que foram enganados por Zé Trabuco e estão contando o ocorrido a Pedro Malasartes, pedindo que os ajude. Dos trinta alunos que responderam à questão, dezessete consideraram que a palavra “joguinho” está no diminutivo para indicar desprezo. Desses, onze deram a mesma justificativa do Manual do Professor, de que o desprezo estaria relacionado ao fato de o jogo ter sido ganho devido a uma trapaça, outros seis alunos justificaram que o desprezo demonstrado pelo diminutivo revela o sentimento dos tropeiros por terem perdido o jogo.

Figura 17 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

2) Desprezo, porque ele trapaceou o jogo.

Figura 18 – Transcrição da figura 17.

Fonte: Elaboração própria

Figura 19 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

2) desprezo por que não é sentimental

Figura 20 – Transcrição da figura 19.

Fonte: Elaboração própria

Figura 21 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

2 – R: Afeto, porque ele fala joguinho meio que com manha.

Figura 22 – Transcrição da figura 21.

Fonte: Elaboração própria

Exercício 3

Este exercício vem na página seguinte à dos exercícios 1 e 2 e está relacionado com eles, como se verifica no enunciado, em que se pede que o uso do diminutivo nas tiras seja comparado com o uso feito no conto “A panela...”

Atividade: variedades linguísticas

■ Observe o uso de diminutivos nas tirinhas abaixo e compare com o uso feito no conto “A panela...”:

Tirinha 1

Tirinha 2

ZIRALDO. As melhores tiradas do Menino Maluquinho. São Paulo: Melhoramentos, 2000. p. 19-21.

Observe as palavras: *sarampinho* e *tartaruguinha*.

Responda no caderno qual delas foi usada com a ideia de:

- afeto, carinho? *Tartaruguinha*.
- ironia, algo sem importância? *Sarampinho*.

Figura 23 – Exercício 3

Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi (2012a, p. 49)

Os textos em que se baseia a referida atividade são duas tirinhas de Ziraldo em que a personagem Menino Maluquinho interage com sua mãe. Tendo de identificar qual o efeito semântico causado pelo uso das formas “tartaruguinha” e “sarampinho” no diminutivo, vinte alunos apresentaram respostas em consonância com o que indica o Manual do Professor. Oito alunos não conseguiram interpretar as

tiras e marcaram a correspondência contrária e dois alunos não responderam porque não conseguiram terminar antes do fim da aula.

Figura 24 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

Afeto, carinho? tartaruguinha?

Ironia, algo sem importância? sarampinho

Figura 25 – Transcrição da figura 24.

Fonte: Elaboração própria

Análise das respostas dos alunos

Para compreender melhor o que motivou as respostas dos alunos nesse exercício, é importante verificar em que contexto cada uma das palavras ocorre. Em “A panela”, a personagem folclórica de Pedro Malasartes ajuda dois tropeiros que haviam sido enganados pelo trapaceiro Zé Trabuço a recuperarem seus pertences. No início da história, Zé Trabuço encontra dois tropeiros e propõe um jogo de truco, ao trapacear no jogo, ele consegue ganhar o dinheiro e as mulas dos tropeiros. Na vila, os tropeiros encontram Malasartes, contam-lhe a história e pedem ajuda. Este, então, engendra um plano, compra um pouco de feijão, temperos e uma panela, vai até a estrada onde passará Zé Trabuço, cozinha o feijão, apaga o fogo e faz Trabuço pensar que a panela cozinhava sozinha. O trapaceiro acredita na história e paga pela panela com o dinheiro e as mulas que havia ganhado desonestamente dos tropeiros.

As palavras no diminutivo utilizadas na atividade estão nas estrofes a seguir. Os destaques feitos nas palavras são para fins de análise, não constam no original.

Os tropeiros contam a Malasartes o que aconteceu:

*- Pedro amigo nos ajude!
Veja só o que aconteceu:
num **joguinho**, o Zé Trabuco
com trapaça nos venceu.*

Na sequência, Pedro vai à venda comprar os itens de que precisa para executar seu plano:

Pedro foi até a venda
pra fazer uma **comprinha**
quis feijão, cebola e sal,
além de uma **panelinha**.

Ao ser questionado, por Trabuco, sobre o que estava fazendo com aquela panela, Pedro diz que ela era mágica e que cozinhava sem fogo, acrescenta que acabara de preparar um pouco de feijão e pede que ele prove.

Zé Trabuco se abaixou,
foi provar da panelinha.
Descobriu que estava cheia
e que estava bem **quentinha**.

Ao acreditar que a panela era mágica, Zé Trabuco resolveu comprá-la de Malasartes pelo seguinte motivo:

A bendita da panela,
com qualquer **caldinho** ralo,
a enganar a toda gente
haveria de ajudá-lo.

Como se verifica na figura 10, o Manual do Professor indica que os termos “panelinha” e “quentinha” estariam ligados à ideia de carinho, afeto e valorização. Muitos alunos erraram essa resposta, principalmente em relação ao termo panelinha, que muitos consideraram se tratar da ideia de pouco-caso ou desprezo. Ao se verificar o contexto em que a palavra “panelinha” foi utilizada, realmente não fica clara a intenção de referência à palavra com carinho ou valorização. O termo parece mais estar se referindo ao fato de esta ser apenas uma panela pequena mesmo, portanto, o diminutivo estaria indicando o tamanho reduzido da panela.

Essa pode ter sido a interpretação que tenha levado boa parte dos alunos a associarem o tamanho reduzido a algo sem importância ou de pouco valor, o que encontra respaldo na observação em relação ao fato de alguns sufixos diminutivos terem assumido sentido pejorativo, sobre o que Coutinho (1982, p. 241) afirma que “à ideia de pequenez por vezes se juntou a de coisa ridícula.”

Quanto ao termo “quentinha”, tampouco deixa transparecer, no trecho do texto em que aparece, a ideia de carinho ou afeto. As autoras não deixam claro a que tipo de “valorização” se referem, mas é possível inferir que essa seja uma ocorrência do que cita Said Ali (1971, p. 55), para quem “em alguns casos o adjetivo em -inho é usado com valor de superlativo”.

Outro termo que também merece ser comentado é “caldinho”, pois, como já apontado, a maioria dos alunos acertou. O Manual do Professor indica que ele expressa a ideia de pouco-caso, desprezo e os alunos perceberam esse efeito semântico. Se observado o entorno do termo na estrofe, nota-se o fato de ele vir seguido por um adjetivo que indica qualidade negativa e por pronome indefinido “qualquer caldinho ralo”, e esses reforçam a ideia de que o diminutivo está sendo usado em sentido pejorativo.

No exercício 3, há apenas dois termos a serem categorizados. Como citado, a maior parte dos alunos acertou a resposta, no entanto, um fato ocorrido durante a aula em que a atividade foi aplicada chama atenção. Alguns alunos observaram que o termo “tartaruguinha” poderia também ser classificado na segunda opção, pois pode exprimir a ideia de ironia, visto que uma tartaruga de 180 anos ser referenciada com uso do diminutivo não seria necessariamente adequado. Apesar de não fazer muito sentido o fato de dizer “sarampinho” com intenção de demonstrar afeto ou carinho à doença, essa observação dos alunos talvez justifique o fato de alguns, mais desatentos, terem indicado a correspondência contrária à considerada correta em suas respostas.

3.3.3 Atividade 3: Texto em estudo: “A menina e as balas” de Georgina Martins

A Unidade 2 do livro, intitulada *Conto: imaginação e realidade*, está composta por dois capítulos, o capítulo 3 trata de conto em prosa poética, a atividade que ora será analisada está presente no capítulo 4, intitulado “Conto e realidade”. O texto de introdução do capítulo é o conto “A menina e as balas”, de Georgina Martins. É a partir desse texto que são propostas as atividades que se encontram na seção *Linguagem do texto*.

3. Por que a narradora se refere à menina usando sempre o diminutivo: *garotinha*, *menininha*? O diminutivo é usado como forma afetiva de tratamento e revela, neste caso, comoção e compaixão pela menina desprotegida.

4. Observe as frases do conto lido em que foram usados substantivos no diminutivo:

“[...] perto de uma **pracinha** [...]”

“Eu sempre gostei de furar **latinhas** de leite condensado [...]”

“[...] ela os pegava em uma **lojinha** [...]”

“[...] seus **olhinhos** brilharam [...]”

Que palavras foram usadas no diminutivo para indicar:

- a) o tamanho pequeno de algo? *Pracinha, latinhas, lojinha*
b) afetividade, carinho? *Olhinhos.*

5. Leia agora uma frase em que a menina usa um adjetivo na forma diminutiva:

“Ele sempre conta quanto dinheiro tem e tem que ter tudo **certinho**.”

Nessa frase, a menina usou o diminutivo com a mesma intenção de indicar tamanho ou afetividade? Não. O diminutivo foi usado para indicar intensidade ou precisão; a menina quis dizer que o padrasto queria tudo muito certo.

Prof.(a), a palavra pode também ter função de advérbio de modo.

6. Na frase:

“Minha querida, vou lhe explicar **direitinho** [...]”

a narradora-personagem usou a palavra *direito* na forma diminutiva com a mesma intenção da menina? Sim, a intenção foi indicar intensidade, precisão.

Prof.(a), chame a atenção dos alunos para os usos do diminutivo: no caso do substantivo, pode indicar tamanho pequeno de algo, afetividade, carinho; no do adjetivo, intensidade ou modo.

Figura 26 – Atividade 3 do livro didático

Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi (2012a, p. 103)

Respostas dos alunos

Vinte e um alunos responderam a essa atividade. A seguir, constam alguns exemplos das respostas mais recorrentes.

1) Por que a narradora se refere à menina usando sempre o diminutivo garotinho, Menininha? R: Eu acho que é porque ela tinha dó ou por que a narradora tinha carinho

Figura 27 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

R: Eu acho que é porque ela tinha dó ou por que a narradora tinha carinho.

Figura 28 – Transcrição da figura 27

Fonte: Elaboração própria

1- Ela está falando assim porque é uma criança

Figura 29 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

Ela está falando assim porque é uma criança

Figura 30 – Transcrição da figura 29

Fonte: Elaboração própria

Dos vinte e um alunos que realizaram a atividade, apenas cinco deram uma resposta que condiz com o esperado e indicado como correta no Manual do Professor, a figura 27 representa um exemplo de resposta nesse sentido. A maior parte dos alunos, dezessete, atribuíram o fato de a narradora se referir à menina no diminutivo pelo fato de ela ser uma criança. A figura 29 exemplifica essa resposta majoritária. Outras variantes dessa resposta citam a idade da menina ou o fato de ela ser pequena. Dois alunos deram respostas muito diferentes, demonstrando que não compreenderam a pergunta.

Figura 31 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

- a) pracinha, latinhas, lojinha.
- b) olhinhos.

Figura 32 – Transcrição da figura 31.

Fonte: Elaboração própria

Figura 33 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

- a) Pracinha, Lojinha
- b) Latinha, Olhinhos

Figura 34 – Transcrição da figura 33.

Fonte: Elaboração própria

As figuras 31 e 33 representam amostras de respostas apresentadas para o exercício 2, em que se questiona para quais palavras o diminutivo realmente representa o tamanho reduzido de algo e em qual ou quais das palavras o uso do diminutivo representa afetividade. Quinze alunos classificaram o vocábulo “pracinha” de acordo com a resposta apontada no Manual do Professor; dezessete alunos classificaram “latinha” corretamente e doze alunos acertaram “lojinha”. Apenas três alunos classificaram o vocábulo “olhinhos” em desacordo com a resposta apontada no Manual do Professor. Portanto, a maioria, catorze alunos, considerou que, em

“olhinhos”, o diminutivo representa afetividade. Alguns alunos não classificaram todas as quatro palavras, ou deram respostas diferentes das esperadas.

Figura 35 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

3) Indica que ele não deichava passar nenhum centavo.

Figura 36 – Transcrição da figura 35

Fonte: Elaboração própria

Figura 37 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

R= Afetividade

Figura 38 – Transcrição da figura 37

Fonte: Elaboração própria

Nas figuras 35 e 37, podemos encontrar duas amostras das respostas mais recorrentes entre os alunos que realizaram essa atividade. Apenas nove alunos responderam a essa atividade de acordo com a resposta apontada no Manual do Professor. Sete alunos consideraram que o uso do diminutivo na forma “certinho” se referia a uma intenção de demonstrar afetividade. Outros cinco alunos deram respostas como “sim” ou “não” sem justificar, ou respostas diferentes das esperadas, portanto, não sendo possível verificar se eles compreenderam ou não a pergunta.

Figura 39 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

Que não é para ela deixar escapar nenhuma informação.

Figura 40 – Transcrição da figura 39.

Fonte: Elaboração própria

Figura 41 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

Ela escreveu No diminutivo Porque ela não queria demonstrar contato amoroso

Figura 42 – Transcrição da figura 41.

Fonte: Elaboração própria

As figuras 39 e 41 são amostras das respostas que mais ocorreram para o exercício 4. Apenas seis alunos responderam de acordo com a resposta esperada pelo Manual do Professor, enquanto outros catorze alunos deram respostas diferentes das esperadas, como se pode verificar na imagem 41. A maior parte das respostas consideradas incorretas, no entanto, consiste em "sim" ou "não", o que impossibilita verificar se os alunos compreenderam ou não a pergunta, pois não justificaram suas respostas.

Análise das respostas dos alunos

O conto “A menina e as balas” narra a história de uma criança que vive em situação de miséria com a mãe, o padrasto e seis irmãos e que precisa trabalhar vendendo doces para ajudar a família. Um dia, na volta do cinema onde havia assistido a um filme comovente sobre crianças na mesma situação que aquela menina, a narradora decide ajudá-la pagando pelos doces que ainda restavam, mas sem levá-los, para que assim a menina pudesse revendê-los no dia seguinte e ter mais lucro. A menina não entende a intenção da mulher e insiste que esta leve os doces, pois diz que não podem sobrar doces em sua caixa ou sua mãe briga e seu padrasto a castiga. A narradora, por fim, vê-se obrigada a levar os doces, e a menina vai embora contente.

O primeiro exercício da atividade ora analisada questiona por que a narradora sempre se refere à menina no diminutivo. Como citado, poucos alunos responderam de acordo com o Manual do Professor, segundo o qual esse tratamento revela comoção e compaixão da mulher em relação à criança. A maioria dos alunos considerou que esse tratamento se deve ao fato de a personagem ser uma criança de apenas oito anos e que, portanto, o diminutivo estaria fazendo referência ao seu tamanho.

Pode-se considerar que a leitura do texto permite a interpretação indicada pelo Manual do Professor, a própria narradora cita esse sentimento no seguinte trecho:

Contei o dinheiro que eu tinha na bolsa e cheguei à conclusão de que dava para pagar todos os doces que ainda restavam. Depois de ver um filme como aquele, eu achava impossível deixar uma menininha daquelas cochilando no meio da rua, numa noite fria.

No entanto a interpretação feita pela maioria dos alunos de que as formas diminutivas representam o tamanho pequeno da menina, também, pode ser inferida do texto. Apesar de o julgamento de dimensões de certos seres ser relativo, ao considerar-se uma criança de oito anos que trabalha é possível sim que seja considerada pequena, ainda que essa pequenez esteja mais relacionada com sua idade do que propriamente com sua altura.

Um aspecto importante do uso do diminutivo nessa situação que não foi considerado pelas autoras é aquele que diz respeito à caracterização de uma variante de gênero. Mendes (2012, p. 113), ao realizar um experimento sociolinguístico a fim de verificar a hipótese surgida em um de seus trabalhos anteriores de que “o uso de diminutivos guarda correlação com categorias de sexo/gênero” conclui que:

Os resultados resumidos na Tabela 1 sugerem que a percepção de que “mulheres usam diminutivos de maneira exagerada” tem um correlato na produção linguística (os usos, propriamente), tanto numa dimensão quantitativa [...] quanto numa dimensão qualitativa [...]. Assim, se por um lado pode-se dizer que a avaliação de “exagero” emergiu experimentalmente e foi coloquialmente enunciada, por outro, as análises dos usos de diminutivos aqui apresentadas parecem confirmar a hipótese de que eles podem funcionar como marcadores de sexo/gênero. (MENDES, 2012, p.123)

Portanto, se existem indícios, inclusive com base em estudos, de o uso de formações diminutivas serem mais frequentes na fala feminina, pode-se considerar que esse aspecto foi pouco explorado nas atividades propostas. Tanto no exercício 3 da atividade 2 como neste primeiro exercício da atividade 3, o uso do diminutivo ocorre em situações de interlocução que envolvem mulheres e crianças, o que não foi citado nem considerado pelas autoras em nenhum deles.

3.3.4 Abordagem do uso do diminutivo no volume 2, 7º ano

O trecho destacado na imagem a seguir está presente no volume 2 da coleção, destinado ao 7º ano. Essa exemplificação de uso do diminutivo encontra-se na *Unidade 4: ideias e opiniões*, no *capítulo 7: Crônica com diálogo argumentativo*. O texto que introduz o capítulo é “O vendedor de palavras”, de Fabio Reynol. A explicação que se apresenta na imagem está na seção *Construção do texto*, que aborda características da crônica com diálogo argumentativo. Em dos subitens dessa seção, intitulada *Língua falada e língua escrita*, apresenta-se o conceito de marcas da oralidade como sendo um dos recursos de textualização utilizados na crônica em questão.

B – Emprego de palavras ou expressões usadas no dia a dia, de modo descontraído e sem a preocupação com as regras da gramática normativa. Veja algumas expressões destacadas em negrito neste trecho:

– “Está me **enrolando**, não é?”
 – *Tergiversando.*
 – Quanta **lenga-lenga**...
 – *Ambages.*
 – Ambages?
 – Pode ser também *evasivas.*
 – Eu sou mesmo **um banana** para **dar trela** para gente como você!
 – *Pusilânime.*
 – O senhor é **engraçadinho**, não?”

Essas expressões ou jeitos de falar, por exemplo, o uso do diminutivo com ironia, são próprios da linguagem mais informal, popular.

Figura 43 – Atividade do volume II da coleção

Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012b, p. 200 vol. 2)

Essa é a única ocorrência de abordagem do uso do diminutivo neste volume e também a última vez em que é retomado na coleção. Como não se trata de uma proposta de atividade, mas sim de um exemplo de uso de marca da oralidade no texto, não houve aplicação com alunos para registro neste trabalho.

Nessa passagem, retoma-se um aspecto semântico do uso do diminutivo para expressar ironia. Quanto à situação social em que se dá, mais uma vez, a abordagem do diminutivo está atribuída a uma variedade popular, o que não encontra respaldo na sociolinguística, como citado anteriormente.

3.4 ANÁLISE DAS ATIVIDADES PROPOSTAS

Após a análise de como os alunos compreenderam cada uma das atividades propostas em relação ao uso do diminutivo no livro do 6º ano, pode-se refletir sobre a eficiência com que o assunto foi tratado ao longo do volume, considerando-se aquilo que as autoras propõem como objetivos do trabalho com questões de reflexão sobre a língua na coleção.

O estudo gramatical se tornará mais significativo uma vez que deixa de ser apenas a apropriação de uma norma, isto é, ele passa a dirigir uma reflexão sobre usos reais da língua, enriquecendo as possibilidades de escolha da linguagem adequadas a cada situação comunicativa. (BERTIN; BORGATTO; MARCHEZI, 2012, p. 6)

Em relação às diversas possibilidades de escolha de uso da linguagem de que o usuário dispõe, consideramos que as autoras deixam a desejar em relação à abordagem do uso do diminutivo, pois apenas algumas de suas nuances podem ser exploradas visto que os textos em que aparecem apenas permitem a análise do uso de formas diminutivas em algumas situações.

Ao dedicar uma leitura mais crítica aos textos e às atividades propostas quanto ao uso do diminutivo, percebe-se que os aspectos semânticos e estilísticos destacados são poucos e repetitivos. Além disso, os gêneros textuais escolhidos para abordagem do fato da língua em questão, também, revelam um viés de julgamento do uso do diminutivo como se fosse adequado apenas nessas situações restritas.

Na primeira atividade analisada, que parte do texto “O bisavô e a dentadura”, assim como no exercício 3 da atividade 2, que analisa o diminutivo nas tirinhas da personagem de Ziraldo, o uso do diminutivo se dá entre familiares, entre os quais, mulheres e uma criança. Em ambas as atividades, destaca-se o efeito semântico de afetividade expresso pelo seu uso. Outra intersecção nesse sentido ocorre, ainda, entre esse exercício e os exercícios da atividade 3, que partem do texto “A menina e as balas”. No caso das tirinhas, o diminutivo é usado pela mãe do Menino Maluquinho e pelo garoto e, no caso da história de Georgina Martins, é usado pela narradora-personagem. Note-se, ainda, que ambos os casos representam situações de interlocução entre mulheres e crianças, o que pode ressaltar uma propriedade do

diminutivo como caracterizador do discurso feminino e infantil, principalmente se considerarmos o que observa Antunes.

A ideia de que a interação verbal é contextualizada já não constitui nenhuma novidade. É consensual o princípio de que toda ação de linguagem acontece em determinado *contexto*. Maingueneau (2001) concebe esse 'contexto' também em termo de 'cenas' [...] Nessa perspectiva, o conceito de 'cena' parece bastante esclarecedor e sugestivo do que, de fato, acontece quando interagimos verbalmente, pois reforça a compreensão de que o uso da linguagem mobiliza um esquema que, já validado na memória cultural do grupo, implica atores e ações que interagem em um determinado espaço de atuação (a cena). (ANTUNES, 2012, p. 58)

O conceito de 'cenas' de Maingueneau, citado pela autora, corrobora a análise aqui feita de que o fato de se colocar sempre os mesmos perfis de personagens em situações de interlocução restritas para exemplificar o uso do diminutivo pode fazer entender que ele deve se restringir apenas a essas situações comunicativas e que é mais característico de uma ou outra variedade linguística. Ainda que se possa considerar essa análise muito ousada, pode-se, pelo menos, observar, com mais clareza, que essa pouca variedade de situações das quais se parte para abordar essa questão, deixa de contribuir para a ampliação das possibilidades de escolha do aluno para um uso mais expressivo da língua.

Outro aspecto interessante a ser analisado quanto à seleção de textos feita pelas autoras é em relação àqueles que elas classificam como contos populares. Como se pôde verificar, o primeiro texto trabalhado foi o "causo" de Sylvia Orthof, que se passa no interior de Minas Gerais, nesse capítulo, a reflexão sobre a língua introduz a temática das variedades linguísticas. O capítulo 2 faz parte ainda da *Unidade 1: contos da tradição oral*. O texto de abertura do capítulo é "A panela do diabo", recontado em verso por Pedro Bandeira. Essa atividade, assim como a anterior, ocorre na seção *Linguagem do texto*, que também tem o subtítulo *Variedades linguísticas*. Como as autoras praticam a progressão de conteúdos em espiral, entende-se que esta seção intenta aprofundar o que fora introduzido sobre o tema no capítulo anterior.

Dessa forma, na continuação do tema *Variedades linguísticas*, as autoras explicam que:

Entre as variedades linguísticas existentes - **regional**, de **grupos sociais**, de **idade**, de **gênero**, etc. - há duas formas que estão sempre presentes:

- **formal**, chamada de variedade-padrão, utilizada de acordo com as regras da gramática normativa;
- **informal**, utilizada em roda de amigos, entre familiares e em situações em que a linguagem não precisa seguir regras rígidas da linguagem considerada padrão.

[...]

No conto "A panela...", há os seguintes casos de uso da linguagem informal: (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2013, p.49) (grifo das autoras!).

As autoras seguem a explanação com os seguintes itens: 1 Uso de diminutivos; 2 Uso de palavras próprias da linguagem popular; 3 Redução de palavras; e 4 Outras expressões da linguagem popular. O uso do diminutivo, nessa seção, portanto, está associado à linguagem informal e, como se pode perceber por alguns elementos do enredo (mulas, tropeiros, a vila), também, acontece fora de uma área urbana, então, novamente, sugere o pertencimento a uma variedade regional. O fato de se atribuir a variedades regionais o rótulo da informalidade, além de poder reforçar o preconceito contra ela e seus usuários, ainda apresenta, segundo Bortoni-Ricardo, um equívoco de análise.

Em toda comunidade de fala onde convivem falantes de diversas variedades regionais, como é o caso das grandes metrópoles brasileiras, os falantes que são detentores de maior poder – e por isso gozam de mais prestígio – transferem esse prestígio para a variedade linguística que falam. Assim, as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34)

Outro fato que se pode questionar sobre a contextualização dessas atividades é o de que o uso de apenas textos de ficção e, em especial, contos da tradição oral e narrativas literárias tenham sido usados como textos onde o diminutivo pode ocorrer. Isso pode passar ao aluno a ideia equivocada de que apenas em tais tipos de texto o uso do diminutivo é adequado.

Ressalte-se ainda o fato de as autoras terem escolhido trabalhar o diminutivo apenas a partir de textos nos quais variedades linguísticas regionais são proeminentes ou em que as personagens que utilizam o diminutivo são mulheres, familiares próximos ou crianças, possivelmente, passe a ideia de que o diminutivo seria apenas informal, afetivo ou mais característico da linguagem feminina ou regional. No entanto, ainda assim, em relação a esses dois últimos aspectos nada é

evidenciado nas explicações constantes do livro, cabendo ao professor fazer uma leitura mais detalhada e chamar atenção dos alunos para isso.

Como as próprias reflexões e estudiosos invocados neste trabalho afirmam, nenhuma dessas características do uso do diminutivo está equivocada, no entanto o fato de aparecerem repetidamente e sempre as mesmas a serem abordadas e ressaltadas na atividade não reflete a grande produtividade e vitalidade que as formações no diminutivo apresentam na língua, segundo os estudiosos citados, tais como Sandmann (1988) e Cunha e Cintra (2001).

4 SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES: O USO EXPRESSIVO DO DIMINUTIVO EM ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS

4.1 ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

A sequência de atividades analisada neste capítulo foi planejada e aplicada a fim de verificar como ocorreu a apreensão do uso do diminutivo, como recurso expressivo textual, pelos alunos, a partir das atividades do livro didático que foram analisadas no capítulo anterior. Com isso, a intenção foi seguir a ideia de Possenti (1999, p. 50): “o que já é sabido não precisa ser ensinado”, pois, conquanto possa parecer tão óbvia, como bem observa o autor, o fato de, muitas vezes, professores produzirem atividades e, até mesmo, cursos inteiros antes mesmo de averiguar aquilo que o aluno já domina torna o processo educativo contraproducente. Assim, o autor complementa que:

No dia em que as escolas se dessem conta de que estão ensinando aos alunos o que eles já sabem, e que é em grande parte por isso que falta tempo para ensinar o que não sabem, poderia ocorrer uma verdadeira revolução. (POSSENTI, 1999, p. 32)

Outro aspecto a ser verificado nesta etapa se refere a quais elementos as atividades que se propõem a promover uma ampliação dessas possibilidades deveriam contemplar, visto que, como se aponta na conclusão do capítulo 3, pode-se considerar que nem todos os aspectos relativos a esse processo linguístico ficaram contemplados pela abordagem dada na coleção. Assim, pretende-se aqui encontrar subsídios para uma posterior elaboração de uma sequência de atividades que permita superar a impressão que possa ter sido criada nos alunos por meio da abordagem do livro didático e tão bem comentada por Neves.

Quantas vezes nos temos surpreendido continuando a encarar nosso uso linguístico pelo prisma que nos imprimiu a experiência vivida nos bancos escolares, diante de um livro-mestre que nos conduziu irrefletidamente às atividades de aula, sem que entendêssemos muito bem por que e para quê! (NEVES, 2014, p.25)

A fim de se verificar como os alunos apreenderam o efeito do uso de palavras no diminutivo nos textos, a partir das atividades propostas no livro didático de Língua Portuguesa do Projeto Teláris, foi realizada a seguinte atividade diagnóstica.

Revisão: uso de palavras no diminutivo

1) Como vimos, Mario Quintana fez um jogo de palavras em seu poema usando o diminutivo de forma criativa. Com base no que já estudamos sobre o uso de palavras no diminutivo até o momento e nos seus conhecimentos prévios, responda às questões.

a) O que elas expressam?

b) Em que situação são usadas?

c) Dê três exemplos de frases com palavras no diminutivo e indique o seu significado.

2) Mario Quintana utilizou o diminutivo em seu poema, nós já vimos em aulas anteriores o uso de diminutivos em outros textos também. De acordo com o que você entendeu e com os seus conhecimentos prévios, marque um xis nos gêneros de texto em que você acredita que o uso de palavras no diminutivo seriam adequadas.

☐ Contos de fadas	☐ Causos
☐ Notícias de jornal	☐ Uma carta de solicitação para a diretora da escola
☐ Crônicas	☐ Contos de terror
☐ Anúncios publicitários	☐ _____
☐ Em uma conversa informal com amigos	☐ _____
☐ Uma mensagem pelo whatsapp para um colega	☐ _____

Figura 44 – Atividade diagnóstica

Fonte: Elaboração própria

A atividade teve como textos motivadores o “Poeminho do contra”, de Mário Quintana e a biografia do autor (Apêndice A). Primeiramente, foi lido o poema e os alunos foram levados a formular hipóteses a respeito de a que se referia e quais seus possíveis sentidos. Em geral, os alunos fizeram uma leitura de que o poema falava de algum tipo de competição ou da capacidade do eu-lírico de vencer adversidades ou concorrentes em sua vida. Após a leitura do poema, procedeu-se à leitura da biografia do autor, na qual se cita o fato de ele ter recebido três indicações

para a Academia Brasileira de Letras, mas sem ter obtido sucesso em nenhuma delas.

Ao voltar à análise do poema, dessa vez, os alunos reelaboraram sua interpretação, então, fazendo referência ao fato de que as palavras “passarão” e “passarinho” expressavam a oposição entre os outros indicados que “passaram” na competição e o eu-lírico, em que o termo “passarão” assume a função de verbo no futuro, bem como identificaram a possibilidade de “passarão” se referir ao fato de os outros serem “pássaros grandes”, como uma metáfora para melhores ou mais importantes, enquanto o eu-lírico seria um “pássaro pequeno”, menos importante.

Análise das respostas dos alunos

As respostas dos alunos a essa atividade revelam alguns aspectos interessantes e permitem analisar quais ideias a respeito do uso do diminutivo as atividades do livro didático desenvolveram nos alunos. Como a própria atividade deixa claro, considera-se que os alunos já possuíam alguns conhecimentos prévios quanto ao uso do diminutivo, portanto, as atividades do livro aplicadas (analisadas no capítulo 3), provavelmente, não eram as únicas responsáveis pelo conhecimento que os alunos desenvolveram a respeito do uso do diminutivo até esta etapa. No entanto pode-se considerar que estas desempenham um papel bastante relevante nesse processo, pois foram as mais recentes atividades trabalhadas com os alunos sobre esse conteúdo, de forma sistemática e em quantidade considerável.

A atividade foi aplicada a trinta e quatro alunos. Em relação à questão 1a, as respostas mais frequentes foram de que as palavras no diminutivo expressam afeto, dezenove alunos, e o tamanho pequeno de algo, dez alunos. Poucos alunos se lembraram de aspectos como o sentido pejorativo, ou a expressão de desprezo que o diminutivo pode significar, quatro alunos apenas, e somente dois alunos citaram a possibilidade de o sufixo –inho representar intensificação do sentido de um adjetivo.

- 1) Como vimos, Mario Quintana fez um jogo de palavras em seu poema usando o diminutivo de forma criativa. Com base no que já estudamos sobre o uso de palavras no diminutivo até o momento e nos seus conhecimentos prévios, responda às questões.

a) O que elas expressam?

carinho, amor, expressam sentimentos

Figura 45 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

carinho, amor, expressam sentimentos

Figura 46 – Transcrição da figura 45.

Fonte: Elaboração própria

- 1) Como vimos, Mario Quintana fez um jogo de palavras em seu poema usando o diminutivo de forma criativa. Com base no que já estudamos sobre o uso de palavras no diminutivo até o momento e nos seus conhecimentos prévios, responda às questões.

a) O que elas expressam?

Para reduzir o tamanho. Talvez ele pareça

Figura 47 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

Para reduzir o tamanho

Figura 48 – Transcrição da figura 47

Fonte: Elaboração própria

- 1) Como vimos, Mario Quintana fez um jogo de palavras em seu poema usando o diminutivo de forma criativa. Com base no que já estudamos sobre o uso de palavras no diminutivo até o momento e nos seus conhecimentos prévios, responda às questões.

a) O que elas expressam?

afeto por alguém da família ou amigo.
ou desprezo

Figura 49 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

afeto por alguém da família ou amigo ou desprezo

Figura 50 – Transcrição da figura 49

Fonte: Elaboração própria

Para a questão 1b, os alunos deram respostas que apontam situações de informalidade e afetividade, majoritariamente. Foram dezesseis alunos que responderam que o diminutivo é utilizado entre pessoas próximas ou que têm alguma relação de intimidade, ou em situações informais; e foram catorze os alunos que apontaram situações de demonstração de afeto como passíveis do uso do diminutivo. Dez alunos deram respostas que não atendem ao que foi perguntado, ou com letra ilegível ou incompleta. Dois alunos, um de cada turma de 6º ano, apontaram o uso do diminutivo como modalizador do discurso, citando, como exemplo, situações em que se trata uma pessoa com nomes no diminutivo para adulá-la ou convencê-la a fazer algo.

b) Em que situação são usadas?

Quando quer dar amor ou quando quer falar com carinho

Figura 51 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

quando quer dar amor ou quando quer falar com carinho

Figura 52 – Transcrição da figura 51

Fonte: Elaboração própria

b) Em que situação são usadas?

Quando você está falando com alguém próximo ou demonstrando carinho ou se a pessoa é pequena

Figura 53 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

Quando você está falando com alguém próximo ou demonstrando carinho ou se a pessoa é pequena

Figura 54 – Transcrição da figura 53

Fonte: Elaboração própria

b) Em que situação são usadas?

Quando a filha quer sair e ela vai pedir para sua mãe e fala assim: Mamãezinha deixa eu sair hoje. Ela faz esse diminutivo para a mãe dela deixar.

Figura 55 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

Quando a filha quer sair e ela vai pedir para sua mãe e fala assim: mamãezinha deixa eu sair hoje. Ela faz esse diminutivo para a mãe dela deixar.

Figura 56 – Transcrição da figura 55

Fonte: Elaboração própria

Novamente, na atividade 1c, verifica-se que a expressão de afetividade e do tamanho reduzido de algo foram os efeitos semânticos melhor internalizados pelos alunos. Nas frases criadas, verifica-se que dezenove deles utilizaram o diminutivo para expressar tamanho; e dezoito, para expressar afeto. Apenas seis alunos escreveram frases nas quais os diminutivos passam a ideia de desprezo e uma aluna escreveu uma frase em que o diminutivo marca intensidade. Dois alunos utilizaram palavras diminutivas lexicalizadas, referentes ao universo infantil, “carrinho” e “casinha” de brinquedo.

c) Dê três exemplos de frases com palavras no diminutivo e indique o seu significado.

Eu tenho um celularzinho. Quer dizer que eu tenho um celular pequeno.
Eu chamo a minha amiga de “frazuzinha”. Quer dizer uma situação de carinho.
Eu tenho um computadorzinho. Quer dizer que eu tenho um computador pequeno.

Figura 57 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

“Eu tenho um celularsinho.” Quer dizer que eu tenho um celular pequeno.

“Eu chamo a minha amiga de Manuzinha.” Quer dizer uma situação de carinho.

“Eu tenho um computadoresinho. Quer dizer que tenho um computador pequeno.

Figura 58 –Transcrição da figura 57

Fonte: Elaboração própria

c) Dê três exemplos de frases com palavras no diminutivo e indique o seu significado.

Este Bebezinho e tão bonitinho = Carinho
Eu Não gosto de Você Professorinha do doce = Raiva
Eu te amo Meu amorzinho = carinho e amor.

Figura 59 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

Este Bebezinho e tão bonitinho = Carinho

Eu Não gosto de Você Professorinha do doce = Raiva

Eu te amo Meu amorzinho = carinho e amor.

Figura 60 –Transcrição da figura 59

Fonte: Elaboração própria

c) Dê três exemplos de frases com palavras no diminutivo e indique o seu significado.

O menino usou a rêguinha - Rêgua pequena.
A menina tem uma casinha - Casa de Brinquedo.
A mãe chama a filha de filhinha - Carinho afeto.

Figura 61 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

O menino usou a rêguinha. – Rêgua pequena.

A menina tem uma casinha – casa de Brinquedo.

A mãe chama a filha de filhinha – carinho afeto.

Figura 62 –Transcrição da figura 61

Fonte: Elaboração própria

A atividade 2 tinha a intenção de verificar como os alunos compreenderam a questão do uso do diminutivo quanto à sua adequação em relação a gêneros textuais que eles podem compreender como demandantes de uma linguagem mais formal ou que permitam uma linguagem mais coloquial. Entre os gêneros sugeridos na atividade, os que receberam maior número de votos, por parte dos alunos, como aqueles em que o uso do diminutivo seria adequado foram “Uma mensagem pelo Whatsapp para um amigo”, marcado por vinte e sete alunos, “Uma conversa informal com amigos”, que recebeu vinte e seis marcações e “Contos de fadas”, vinte e cinco marcações. Entre os gêneros sugeridos por alunos, o mais frequente foi “Carta romântica para namorado (a)”, que havia sido o exemplo utilizado pela professora para explicar o que deveriam fazer na atividade.

2) Mario Quintana utilizou o diminutivo em seu poema, nós já vimos em aulas anteriores o uso de diminutivos em outros textos também. De acordo com o que você entendeu e com os seus conhecimentos prévios, marque um xis nos gêneros de texto em que você acredita que o uso de palavras no diminutivo seriam adequadas.

☒ Contos de fadas	☐ “Causos”
☐ Notícias de jornal	☐ Uma carta de solicitação para a diretora da escola
☐ Crônicas	☐ Contos de terror
☐ Anúncios publicitários	☒ <u>Carta de amor</u>
☒ Em uma conversa informal com amigos	☐ <u>Receita</u>
☒ Uma mensagem pelo whatsapp para um colega	☒ <u>Poema</u>

Figura 63 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

2) Mario Quintana utilizou o diminutivo em seu poema, nós já vimos em aulas anteriores o uso de diminutivos em outros textos também. De acordo com o que você entendeu e com os seus conhecimentos prévios, marque um xis nos gêneros de texto em que você acredita que o uso de palavras no diminutivo seriam adequadas.

☒ Contos de fadas	☐ "Causos"
☐ Notícias de jornal	☐ Uma carta de solicitação para a diretora da escola
☐ Crônicas	☒ Contos de terror
☐ Anúncios publicitários	☒ <u>em cartas de amor</u>
☒ Em uma conversa informal com amigos	☒ <u>poemas</u>
☒ Uma mensagem pelo whatsapp para um colega	☐ <u>anuncio da escola</u>

Figura 64 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria

Entre os gêneros sugeridos na atividade, aqueles que receberam menos marcações como passíveis de comportar o uso do diminutivo foram “Carta de solicitação para a diretora da escola”, com apenas duas marcações, “Anúncios publicitários”, com três, e “Notícias de jornal”, com seis marcações. Entre as sugestões de gêneros dadas pelos alunos em que não seria adequado o uso do diminutivo, constaram outras modalidades de cartas formais de solicitação, com sete ocorrências, e outras situações formais como conversa com pessoas mais velhas e reuniões formais de trabalho, com duas ocorrências. As outras sugestões de gêneros apontaram textos em que os alunos consideraram que o uso do diminutivo seria adequado, tais como histórias em quadrinhos, poemas, receitas culinárias e postagens em redes sociais.

2) Mario Quintana utilizou o diminutivo em seu poema, nós já vimos em aulas anteriores o uso de diminutivos em outros textos também. De acordo com o que você entendeu e com os seus conhecimentos prévios, marque um xis nos gêneros de texto em que você acredita que o uso de palavras no diminutivo seriam adequadas.

(☒) Contos de fadas	(☐) "Causos"
(☐) Notícias de jornal	(☐) Uma carta de solicitação para a diretora da escola
(☐) Crônicas	(☐) Contos de terror
(☐) Anúncios publicitários	(☒) <u>Contos de amor</u>
(☒) Em uma conversa informal com amigos	(☒) <u>Status numa rede social</u>
(☒) Uma mensagem pelo whatsapp para um colega	(☐) <u>uma frase para uma prova</u>

Figura 65 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração do aluno

A partir das respostas dos alunos a essa primeira atividade, foi possível, portanto, verificar que os efeitos semânticos do diminutivo no texto melhor apreendidos pelos alunos foram aqueles que expressam o tamanho reduzido de algo e afetividade. Além disso, grande parte dos alunos associa esse uso a situações de interlocução entre pessoas próximas, que têm intimidade e a situações de informalidade, o que se pode considerar um ponto positivo, de acordo com Gonçalves, que sugere ao professor, no trabalho com o grau dos nomes

[...] descrever o grau amparando-se em noções como formalidade e modalidade. Por serem expressivos, afixos de grau são mais utilizados em gêneros textuais – orais e escritos – que pressupõem maior familiaridade entre interlocutores. Dessa maneira, devem ser evitados em gêneros que requerem maior grau de formalidade, como o texto científico e o seminário, por exemplo (GONÇALVES, 2013, p. 166)

A aplicação e análise dos resultados dessa atividade sinalizaram a pertinência de se desenvolver uma sequência de atividades que pudesse revelar aos alunos outros aspectos semânticos e expressivos possíveis de se alcançar a partir do uso de palavras no diminutivo.

4.2 ATIVIDADE ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS

4.2.1 Apresentação das atividades

Como se pôde verificar pelas respostas dos alunos à atividade diagnóstica, poucos consideraram que o uso de palavras no diminutivo seja adequado em textos publicitários. Apesar de os alunos já terem trabalhado o tema publicidade no 3º ano do Ensino Fundamental, em que o eixo temático do quadro curricular da escola é trabalho infantil e consumo (Anexo A), compreende-se que o foco de leitura e a interpretação não tenham sido necessariamente aspectos muito específicos da linguagem do texto publicitário, mas outros aspectos mais perceptíveis por alunos em fase de alfabetização.

Dessa forma, acredita-se que uma das atividades propostas aos alunos, a fim de ampliar seu repertório em relação a diferentes possibilidades de uso do diminutivo em –inho, com fins estilísticos e expressivos, possa partir da leitura e análise de anúncios publicitários. Gonçalves, após uma esclarecedora exposição sobre aspectos morfológicos, semânticos e discursivos do grau e de como o tema vem sendo comumente abordado por livros didáticos e professores em sala de aula, deixa algumas sugestões em sua opinião mais eficientes e significativas de abordagem, entre as quais:

[...] investir nos valores expressivos da gradação sempre com base em textos variados. De fato, a morfologia do grau constitui recurso linguístico bastante utilizado em diversos gêneros textuais, como a propaganda e o anúncio publicitário, entre outros [...]. (GONÇALVES, 2013, p. 166)

Ademais, por estarem muito presentes no cotidiano nos alunos e exercerem grande influência em seu comportamento e padrões de consumo, anúncios publicitários constituem um gênero textual de grande relevância a ser trabalhado na escola. A escolha desse gênero se justifica, ainda, por suas características estruturais, entre as quais, o uso criativo da linguagem, além de representar um importante objeto de ensino na área de estudos de língua, como afirma Carvalho.

A criação publicitária é pluridimensional e pode ser apreciada e descrita sob a perspectiva dos estudos da linguagem. Uma leitura da publicidade que aborde a linguagem utilizada junto com as imagens é relevante para a formação e desempenho do profissional de diversas áreas da comunicação e do ensino de línguas. (CARVALHO, 2014, p. 9)

Como lembra a autora, não só a linguagem verbal é passível de análise no gênero, mas também os elementos não verbais em igual nível de importância, sendo que, em muitos anúncios, torna-se impossível ao público interpretar a mensagem senão pela concatenação de ambos os elementos. Como o estudo da linguagem verbal e não verbal já faz parte do currículo de Língua Portuguesa do 6º ano, essas turmas já haviam tido contato com esse conteúdo, portanto, a presente atividade veio retomar e complementar esse estudo.

O texto motivador e que introduziu essa atividade foi “Bonitinho: campanha divertida brinca com o jeito brasileiro de falar no diminutivo”, do *site* hypheness.com, em que se anuncia uma campanha publicitária da Coca-cola que circulou nos países de língua espanhola da América Latina, durante a Copa do Mundo no Brasil, em 2014 (Apêndice B). A campanha consistia em comerciais que retratavam cenas cômicas que brincavam com a mania dos brasileiros de falarem muitas palavras no diminutivo.

Durante a leitura do texto, os alunos foram sendo questionados se concordavam que o brasileiro usa muito o diminutivo, se concordavam com a campanha, em que situações percebiam o uso do diminutivo, etc. Muitos concordaram, afirmando que eles mesmos usam no dia a dia, em conversas com colegas ou familiares. Outros afirmaram nunca terem prestado atenção ao fato.

Após essa leitura, foi entregue a seguinte atividade aos alunos, em que deveriam registrar o resultado de suas análises de cada um dos anúncios apresentados, cinco no total.

Anúncios e o texto publicitário

Diariamente você entra em contato com uma ampla gama de anúncios publicitários. Eles estão presentes em jornais, revistas, na TV e até mesmo nas redes sociais na internet. Os anúncios são escritos com a intenção de divulgar um produto, dessa forma, é usada a linguagem publicitária que se utiliza de vários recursos de persuasão para convencer o público a adquirir aquele item. Texto, imagem, recursos de linguagem, referência a fatos históricos e a atualidade podem ser recursos utilizados na linguagem publicitária para esse fim. Leia os anúncios publicitários abaixo e responda as questões propostas.

TEXTO 1

Produto anunciado: _____

Público alvo: _____

Efeito do uso do diminutivo: _____

TEXTO 2

Produto anunciado: _____

Público alvo: _____

Efeito do uso do diminutivo: _____

TEXTO 3

Produto anunciado: _____

Público alvo: _____

Efeito do uso do diminutivo: _____

Figura 66 – Atividade anúncios publicitários

Fonte: Elaboração própria

4.2.2 Análise das respostas dos alunos

TEXTO 1

Figura 67 – Anúncio da revista Carta Capital

Fonte: Adforum (2015)

O primeiro anúncio analisado foi o da revista Carta Capital. A leitura do texto foi coordenada pela professora e a interpretação realizada oralmente pelos alunos a partir de perguntas que os levavam a observar quais os elementos não verbais constituintes do texto, tais como as fotos da revista, que permitiram identificar qual seu título; o fundo de cor escura, que passa sobriedade; e a forma como as “manchetes” estão escritas, com destaque de cor e fontes contrastantes. Em seguida, foi procedida a leitura dos elementos verbais, que são representados pelas supostas manchetes de outros veículos de comunicação e que tratariam de assuntos triviais, os quais os alunos, em ambas as turmas, identificaram como “fofocas”.

A palavra no diminutivo aparece em outro bloco, que diz “Agora que você já sabe o resuminho da semana, vamos ao que interessa”, apresentando, portanto, sentido pejorativo, de desprezo ou pouco-caso em relação aos concorrentes, o que

pretende, portanto, insinuar que aqueles outros veículos de comunicação se encarregavam de noticiar assuntos que não interessam, menos importantes.

Vista como recurso usado para efeitos de focalização ou ênfase, a gradação é uma categoria semântica que se presta à indicação de atitudes subjetivas do falante em relação ao enunciado ou a alguma de suas partes. Por esse motivo, está diretamente vinculada à perspectiva do emissor que, ao intensificar ou dimensionar, orienta seu interlocutor para juízos de valor a respeito de algo ou alguém, conferindo ao item morfológicamente complexo relevância tamanha que o torna marcado. (GONÇALVES, 2013, p.150)

As intenções subjetivas do falante citadas por Gonçalves foram utilizadas no anúncio para imprimir uma avaliação negativa em relação aos outros meios de comunicação, como fica claro pela leitura. Essas intenções foram percebidas pela maior parte dos alunos como se poderá verificar a seguir.

Respostas dos alunos às atividades sobre o texto 1

Sem muita dificuldade, os alunos identificaram que o produto anunciado era a revista Carta Capital, apenas não conheciam qual o seu segmento de mercado e, portanto, seu público-alvo. Devido a isso, foi sugerido que primeiramente lessem e interpretassem os elementos verbais do anúncio, o que possibilitaria então restringir os possíveis leitores da revista a um público um pouco mais específico.

Ao identificarem a palavra no diminutivo, “resuminho”, quinze alunos entenderam que significava que as outras revistas ou os outros assuntos “não interessam” ou “não são importantes”. Outros sete alunos apontaram que a palavra demonstra, por parte do anúncio, uma avaliação negativa das outras publicações que seriam suas concorrentes ou que trabalham com os tipos de manchete destacados no bloco focalizado.

<p>TEXTO 1</p> <p>Produto anunciado: <u>Revista Carta Capital</u></p> <p>Público-alvo: <u>os leitores adultos</u></p> <p>Efeito do uso do diminutivo: <u>resuminho uma coisa sem importância</u></p>
--

Figura 68 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 1

Produto anunciado: Revista Carta capital

Público-alvo: os leitores adutos

Efeito do uso do diminutivo: resuminho uma coisa sem importancia

Figura 69 – Transcrição da figura 68.

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 1

Produto anunciado:

Público-alvo:

Efeito do uso do diminutivo:

Revista - Carta capital
Críticos
avaliação negativa

Figura 70 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 1

Produto anunciado: Revista – Carta capital

Público-alvo: Críticos

Efeito do uso do diminutivo: avaliação Negativa

Figura 71 – Transcrição da figura 70.

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 2

Figura 72 – Anúncio do creme dental Sorriso

Fonte: Portugues.com (2015)

O segundo texto analisado foi o anúncio do creme dental Sorriso Whitening Explosion. Previamente à leitura dos elementos verbais, os alunos foram levados a perceber em que consiste a linguagem não verbal do texto. Os elementos mais percebidos foram a mulher bonita, o efeito de brilho causado pelo formato das nuvens brancas no fundo azul e as imagens das embalagens de creme dental. Em seguida, a professora perguntou se sabiam o que significava a palavra de língua inglesa “White”, e os alunos responderam que sua tradução era “branco”, fazendo imediatamente associação com a proposta do creme dental de deixar os dentes brancos. A professora então perguntou se conheciam a expressão “sorriso amarelo”, em uma sala, uma aluna disse que conhecia e explicou aos colegas que era “um sorriso sem graça ou sem jeito”, na outra sala, coube à professora trazer essa referência. A palavra no diminutivo, portanto, aparece na frase “Deixe de lado aquele sorrisinho amarelo”, novamente, com claro sentido pejorativo.

Respostas dos alunos às atividades sobre o texto 2

O produto anunciado na peça em questão também foi de fácil identificação pelos alunos, bem como seu público-alvo, que muitos consideraram bem amplo, visto que todas as pessoas devem escovar os dentes e que dentes brancos são amplamente almejados.

Ao identificarem a palavra no diminutivo, “sorrinho”, onze alunos apontaram a intenção de sugerir que se mudasse a aparência dos dentes, de amarelados para dentes brancos, o que poderia ser promovido pelo uso da pasta de dentes. Outros oito alunos identificaram a intenção de desvalorizar o sorriso amarelo que a pessoa possa estar apresentando para incentivá-la a usar a pasta e conseguir dentes mais claros.

TEXTO 2
 Produto anunciado: Pasta de dente "sorriso - Whitening Explosion"
 Público-alvo: A família
 Efeito do uso do diminutivo: 'sorrinho' - que era feio, que precisava de uma melhora

Figura 73 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 2
 Produto anunciado: Pasta de dente “sorriso – Whitening Explosion”
 Público-alvo: A família
 Efeito do uso do diminutivo: ‘sorrinho’ – que era feio, que precisava de uma melhora

Figura 74 – Transcrição da figura 73.

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 2
 Produto anunciado: pasta de dente
 Público-alvo: Todo mundo
 Efeito do uso do diminutivo: desvalorizando o sorriso amarelo e para desvalorizar o sorriso

Figura 75 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 2

Produto anunciado: pasta de dente

Público-alvo: todo mundo

Efeito do uso do diminutivo: desvalorizando

Figura 76 – Transcrição da figura 75.

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 3

Figura 77 – Anúncio do iogurte Corpus

Fonte: Dneoliveira.blogspot.com (2015)

O terceiro texto foi o anúncio do iogurte Corpus da Danone. Primeiramente, os alunos foram levados a ler a linguagem não verbal e perceberem cores, formas e disposição e apresentação do texto. Em uma das salas, uma aluna percebeu imediatamente que o iogurte tinha o formato do corpo de uma mulher, na outra sala, o que mais chamou a atenção dos alunos foram os tons cor de rosa. As linhas e a representação de medidas que seriam aquelas consideradas “ideais” para o corpo de uma mulher não foram tão facilmente identificadas pelos alunos, cabendo à professora guiar seus olhares para o fato.

A palavra no diminutivo nesse anúncio aparece na frase “Que corpinho, hein?” e apresenta uma ideia positiva de corpo esbelto e considerado como padrão de beleza para as mulheres. Por isso, pode-se perceber que a afirmação de Gonçalves de que o emissor utiliza-se da gradação no diminutivo para criar no receptor um juízo valorativo também ressoa no caso do presente anúncio. Além disso, o aspecto cultural de padrão de beleza feminino assume neste caso um papel crucial para esse efeito, conforme Carvalho.

A cultura é transmitida pela língua, sendo também seu resultado, o meio para operar e a condição da subsistência dessa cultura. O discurso publicitário é também matizado pela cultura em que está inserido, seja no vocabulário escolhido, seja nas imagens selecionadas.

A competência do discurso publicitário e a sua eficácia vão depender da forma como representam a cultura em que está inserido, permitindo estabelecer uma relação pessoal com a realidade próxima. A presença de índices carregados de cultura partilhada pela comunidade aumenta o poder de persuasão e sedução da mensagem veiculada, pois apela para valores que circulam e são aceitos, sendo entendidos facilmente. (CARVALHO, 2014, p.38)

As contribuições desses teóricos podem ser verificadas, ou ajudarem a compreender e justificar as repostas que os alunos forneceram para essa atividade.

Respostas dos alunos às atividades sobre o texto 3

Os alunos identificaram com facilidade o produto anunciado no texto. A identificação do público-alvo, no entanto, mostrou-se um pouco mais complexa, pois muitos alunos associaram a marca Danone ao público infantil. Foi necessário chamar sua atenção para outros elementos de linguagem verbal, tais como as

medidas e o formato do pote central em comparação com os potes circundantes. Depois de verificarem as imagens, cores e a partir da leitura dos elementos verbais que compõem o texto, os alunos reelaboraram sua interpretação, apontando então o público feminino como alvo da peça publicitária.

Ao analisarem os aspectos semânticos da palavra “corpinho” no texto e em consonância com os outros elementos textuais, tais como imagens, cores e tipo de fonte utilizada, dezenove alunos atribuíram o sentido de corpo bonito, saudável e/ou magro à palavra que apresenta o sufixo –inho. Três outros alunos não conseguiram associar o formato do pote, que imita o corpo da mulher, o fato de o texto enfatizar a baixa quantidade de gordura no iogurte, as cores e demais elementos ao público feminino e mantiveram a leitura de que o anúncio estaria destinado ao público infantil, dessa forma, apontaram o significado de “corpo pequeno” à palavra “corpinho”.

TEXTO 3

Produto anunciado: Danone Corpas

Público-alvo: Para pessoas que querem emagrecer

Efeito do uso do diminutivo: Corpinho: Para você ficar com um corpo bonito

Figura 78 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 3

Produto anunciado: Danone Corps

Público-alvo: Para pessoas que querem emagrecer

Efeito do uso do diminutivo: Corpinho: Para você ficar com um corpo bonito

Figura 79 – Transcrição da figura 78.

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 3

Produto anunciado: um iogurte

Público-alvo: as mulheres que querem emagrecer

Efeito do uso do diminutivo: Para ficar com um corpinho magrinho saudável.

Figura 80 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 3

Produto anunciado: um iorgute

Público-alvo: as mulheres que querem emagrecer

Efeito do uso do diminutivo: Para ficar com um corpinho magrinho saradinho.

Figura 81 – Transcrição da figura 80.

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 3

Produto anunciado: Danone

Público-alvo: crianças

Efeito do uso do diminutivo: que ele é um pouco menor

Figura 82 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 3

Produto anunciado: Danone

Público-alvo: crianças

Efeito do uso do diminutivo: que ele é um pouco menor

Figura 83 – Transcrição da figura 82.

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 4

**Maminha, fraldinha,
linguicinha e esse diminutivo
continua no preço.**

Praia da Costa - Rua Henrique Moscoso, 333

**vila
fruti**

Figura 84 – Anúncio do supermercado Vila Fruti

Fonte: Cargocollective.com (2015)

O texto 4 consiste no anúncio do supermercado Vila Fruti. Os alunos identificaram o nome do supermercado facilmente, no entanto, tiveram dificuldade em perceber que esse era o objeto de divulgação do anúncio. Ao lerem a frase “Maminha, fraldinha, linguicinha e esse diminutivo continua no preço”, entenderam se tratar de um anúncio de carnes, apenas. Foi necessária a intervenção por parte da professora para levá-los a interpretar a frase, induzindo-os a fazer como manda a frase e colocar a palavra “preço” no diminutivo. Pode-se considerar, assim, que a estratégia mais marcante utilizada no anúncio é o fato de convidar o público a produzir o sentido esperado, pois é a ele que caberá colocar a palavra “preço” no diminutivo e dar sentido a isso. Tal estratégia é observada por Carvalho, que enuncia:

A mensagem publicitária faz uso de um conjunto de efeitos retóricos aos quais não faltam figuras de linguagem e estratégias persuasivas, ressaltando-se o uso dos itens lexicais. Essa mensagem pode apresentar também jogos de palavras que convidam o leitor a participar de um universo lúdico. (CARVALHO, 2014, p. 10)

No presente texto, portanto, o diminutivo indica o “o tamanho reduzido de algo”, no caso, pode-se traduzir isso como um preço baixo que serve como atrativo para que as pessoas optem por fazer suas compras no supermercado anunciado.

Respostas dos alunos às atividades sobre o texto 4

O fato de, neste texto, o produto anunciado não ser claramente o que se pode entender por um produto, ou algo palpável, mas sim o próprio supermercado que vende produtos, foi o anúncio em que os alunos tiveram mais dificuldade em identificar o objeto da publicidade. Apenas poucos alunos o identificaram rapidamente, em ambas as classes, foi necessária a intervenção da professora para fazer com que os alunos identificassem o nome do supermercado no canto inferior direito do anúncio e percebessem que o jogo de palavras realizado na frase levava o leitor a colocar no diminutivo a palavra preço.

Apesar de haver muitas palavras lexicalizadas com o sufixo –inho, “fraldinha, maminha, etc., a palavra mais importante e significativa ficava, então, a cargo do

leitor sua colocação no diminutivo, o que chama ainda mais atenção para ela, o “precinho”. Ao identificarem esse jogo de palavras e que essa era a palavra no diminutivo que estava implícita e em que consistia o uso do diminutivo no texto, a maioria, vinte e um alunos, atribuiu-lhe o sentido de preço baixo ou de que os produtos naquele supermercado estão baratos, sem muita dificuldade. Outros cinco alunos ou apenas registraram a palavra sem explicitar o significado que apreenderam dela, ou indicaram uma das outras palavras, os nomes de carne, demonstrando que não compreenderam a mensagem do anúncio.

TEXTO 4

Produto anunciado: Vila Fruti

Público-alvo: Consumidores

Efeito do uso do diminutivo: Preço Baixo

Figura 85 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 4

Produto anunciado: Vila fruti

Público-alvo: Consumidores

Efeito do uso do diminutivo: Preço Baixo

Figura 86 – Transcrição da figura 85.

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 4

Produto anunciado: mercado : Vila Fruti

Público-alvo: Quem gosta de comprar coisa barata

Efeito do uso do diminutivo: preço, precinho barato.

Figura 87 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 4

Produto anunciado: mercado: Vale Fruti

Público-alvo: Quem gosta de comprar coisa barata

Efeito do uso do diminutivo: preço, precinho barato

Figura 88 – Transcrição da figura 87.

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 5

Figura 89 – Anúncio das sandálias Havaianas

Fonte: Havaianas.com (2015)

O quinto texto consiste no anúncio das sandálias havaianas. Os alunos foram levados a observar, primeiramente, as imagens que compõem o texto e perceberam que havia uma forte presença de cores, o que poderia sugerir que as sandálias estão disponíveis em diferentes cores. Ao lerem o texto, questionaram por que não havia imagens de praias, mas apenas latas de *spray*, e, em discussão com a

professora e colegas, levantaram a hipótese de que as latas de *spray* faziam referência às pichações que, por serem tão frequentes nos muros das cidades, podem ser representativas das grandes metrópoles, já que os alunos se lembraram da cidade de São Paulo, onde alguns dos alunos já estiveram ou visitam com alguma regularidade.

A palavra no diminutivo, neste anúncio, está presente na frase “Dá pra viver na cidade com um pezinho na praia”, nesse caso, a palavra “pezinho”, longe de significar um pé pequeno, ou uma parte do corpo pela qual se demonstra afeto ou pouco caso, representa uma expressão que lembra “estar presente em algum lugar”. Esse recurso pode ser melhor compreendido a partir da observação de Gonçalves que sugere

[...] atentar para os casos de lexicalização. Inúmeras formas aparentemente complexas podem não ser interpretadas pela soma das partes, já que afixos de grau frequentemente levam a opacificações de sentido. Sem necessariamente recorrer à metalinguagem, é possível mostrar ao aluno que palavras com –inho e –ão – ‘aviãozinho’, ‘quentinha’, ‘pistolão’ e a recente ‘mensalão’, entre tantas outras – podem adquirir significados imprevisíveis, deixando, nessa acepção especializada, de ser interpretadas como marcadoras de grau. (GONÇALVES, 2013, p.116)

Partindo-se das contribuições de Gonçalves, portanto, é possível considerar que, no anúncio em questão, faz-se o uso de uma expressão composta pela palavra terminada em –inho, todavia, já lexicalizada e não como marcadora de grau. Essas palavras, conforme afirma o autor, representam uma significação particular e permitem, portanto, um uso expressivo que contam com os conhecimentos partilhados em um meio social, ou seja, conta com o conhecimento prévio do leitor e depende dele para conseguir concretizar sua mensagem.

Respostas dos alunos às atividades sobre o texto 5

O texto 5 consiste em um anúncio das sandálias Havaianas, produto que foi facilmente identificado pelos alunos. Inicialmente, eles consideraram que o público-alvo poderia ser qualquer pessoa, inclusive crianças, pois pensaram se tratar de um número pequeno de calçado e que o fundo colorido se justificasse por estar dirigido ao público infantil. Foi necessária intervenção da professora para que notassem, a

partir da leitura da linguagem verbal, que havia possibilidade de restringir esse público, pelo menos de acordo com o lugar onde vivem.

Ao analisarem a palavra “pezinho”, principalmente no conjunto no qual a expressão aparece, “com um pezinho na praia”, os alunos conseguiram associá-la a outras situações em que se usa a palavra pezinho para indicar uma presença virtual ou uma possibilidade de presença ou algum nível de afinidade da pessoa que fala com um determinado lugar. Dessa forma, vinte alunos afirmaram que o pezinho na praia sugere que, ao usar as sandálias, a pessoa sentir-se-á como se estivesse na praia, ou sentiria o conforto ou a sensação de pisar na areia da praia. Outra leitura interessante foi feita por outros quatro alunos que consideraram que o pezinho na praia sugeriria que, ao usar as Havaianas, a pessoa estaria vestida com o “estilo” de quem se veste para ir à praia ou vive no litoral.

TEXTO 5
 Produto anunciado: Sandalia Havaianas
 Público-alvo: As mulheres.
 Efeito do uso do diminutivo: Quer dizer que se a mulher
usar a sandalia ela vai ter o estilo
de como estivesse na praia.

Figura 90 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 5
 Produto anunciado: Sandalia Havaianas
 Público-alvo: As mulheres
 Efeito do uso do diminutivo: Quer dizer que se a mulher usar a sandalia ela
 vai ter o estilo de como estivesse na praia

Figura 91 – Transcrição da figura 90.

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 5

Produto anunciado: a havaiana

Público-alvo: As Pessoas que Não Moram Na Praia.

Efeito do uso do diminutivo: Quer dizer que é confortável e que lembra a praia onde as pessoas estiverem

Figura 92 – Resposta do aluno

Fonte: Elaboração própria.

TEXTO 5

Produto anunciado: A havaiana

Público-alvo: As Pessoas que Não Moram Na Praia

Estudo do uso do diminutivo: Quer dizer que é confortável e que lembra a Praia onde as pessoas estiverem

Figura 93 – Transcrição da figura 92.

Fonte: Elaboração própria.

Como se pôde verificar, a análise dos anúncios publicitários proporcionou aos alunos a exploração de variadas possibilidades de uso de palavras no diminutivo quanto às suas propriedades semânticas e estilísticas. Como é um gênero textual de amplo alcance social e que tem como público-alvo os mais diversos segmentos da sociedade, apresenta-se como um bom candidato a expandir as concepções que os alunos possam formar a respeito de sua aplicabilidade em diferentes situações comunicativas e por distintos usuários da língua.

5 ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS

5.1 JUSTIFICATIVA E APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE

Nas etapas anteriores do trabalho, foram aplicadas as atividades do livro didático do projeto Teláris de língua portuguesa aos alunos do 6º ano e analisadas as respostas dadas a cada uma das atividades, bem como que espécie de abordagem a coleção pratica em relação ao uso de palavras no diminutivo, que puderam ser inferidas a partir dos tipos de atividade e da seleção de textos realizada pelas autoras.

Foi possível perceber que os principais aspectos ressaltados nas atividades do livro didático eram aqueles que envolviam o uso afetivo do diminutivo para representar desprezo e, principalmente, carinho entre pessoas próximas ou em situações de interlocução que envolvia mulheres e crianças.

Ao pensar sobre um gênero textual que permitisse apresentar aos alunos outros aspectos semânticos que pudessem ser expressos pelo uso do diminutivo, e não apenas em gêneros textuais com histórias de ficção, pensou-se nas atividades propostas a partir de anúncios publicitários, visto que estes estão muito presentes no dia a dia dos alunos e podem atingir aos mais variados públicos.

A análise dos textos publicitários e das interpretações desses realizadas pelos alunos revelou que essa pode representar alternativa didática para se trabalhar questões de linguagem de forma contextualizada, diferente do que ainda constitui uma prática docente, de analisar frases soltas a fim de focalizar um determinado recurso linguístico, como bem lembra Antunes.

Vale a pena pontuar, mais uma vez, que o exercício de formar frases soltas ou de substituir palavras em pares de frases é irrelevante e ineficaz exatamente porque não favorece o conhecimento explícito de que construir um texto é construir uma unidade de sentido e de intenção. Por isso mesmo é que as palavras, de alguma maneira, se aproximam e se interligam. (ANTUNES, 2012, p.41)

Em consonância com a sugestão da autora de praticar leitura e análise linguística a partir de textos que possam, dessa forma, revelar como se constroem os sentidos por meio da relação entre as palavras, elaborou-se uma atividade que pudesse aferir de que forma os alunos realmente compreenderam, depois de todas as atividades e intervenções, os efeitos expressivos e estilísticos do uso do diminutivo e suas diferentes possibilidades semânticas.

A última proposta de atividades realizadas com as turmas com esse fim consistiu, portanto, na elaboração do gênero textual que foi analisado na sequência de atividades apresentadas no capítulo anterior. Isso por se acreditar que anúncios publicitários constituam um gênero que em muito favorece a reflexão a respeito de escolha e aplicação expressiva de componentes lexicais, tais como aquele problematizado neste trabalho, conforme afirma Marcuschi.

[...] pode-se dizer que o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia. Pois nada do que fizemos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero. Assim, tudo o que fizemos linguisticamente pode ser tratado em um ou outro gênero. [...]

A relevância maior de tratar os gêneros textuais acha-se particularmente situada no campo da linguística aplicada. De modo todo especial no ensino de língua, já que se ensina a produzir textos e não a produzir enunciados soltos. (MARCUSCHI, 2010, p. 37-38)

A atividade cujo resultado será apresentado e analisado a seguir consistia em propor aos alunos que produzissem seu próprio anúncio publicitário. Eles deveriam, a partir das imagens entregues pela professora, pensar em um produto e em um público-alvo para esse produto e produzir um anúncio em que a linguagem fosse usada de modo criativo, da forma como já havíamos analisado nos anúncios da atividade anterior. Nesses anúncios, deveria constar pelo menos uma palavra no diminutivo e os elementos verbais e não verbais deveriam estar relacionados e organizados de forma que ambos assumissem um papel significativo na construção do texto e da mensagem a ser passada ao leitor.

5.2 PRODUÇÕES DOS ALUNOS

Anúncio 1: Loja de presentes. Público-alvo: namorados.

Figura 94 – Anúncio 1: Loja de presentes

Fonte: Elaboração própria.

Anúncio 2: Canecas de coração. Público-alvo: casais apaixonados.

Figura 95 – Anúncio 2: Canecas de coração

Fonte: Elaboração própria.

Anúncio 3: Kit de beleza. Público-alvo: namorados.

Handwritten text in the top left: *♥ FELIZ DIAS DOS NAMORADOS! ♥*

Handwritten text at the bottom: *Compre a Nossa Coleção Cheirosa Cheirosinha Para a tua Namoradinho! ♥*

Products shown:

- bebe heart-shaped perfume bottle with a heart charm
- NIVEA water lily & oil liquid soap (250 mL / 256 g)
- MAYBELLINE DREAM TOUCH blush
- L'OCCITANE EN PROVENCE CREME MAINS 20% Shea Butter DRY SKIN HAND CREAM LIMITED EDITION
- MARY KAY mascara

Figura 96 – Anúncio 3: Kit de beleza.
Fonte: Elaboração própria.

Datas comemorativas costumam ser bastante influenciadoras de decisões de compra dos consumidores em nossa cultura. Como a atividade foi aplicada na semana em que se comemoraria o dia dos namorados, alguns alunos aproveitaram a ocasião para dirigir seus anúncios a esse público. Todavia, conforme as leituras e os estudiosos que norteiam teoricamente este trabalho, é possível inferir que não apenas a data, mas também um aspecto semântico muito comum do uso de palavras no diminutivo pode ter sido determinante na construção dos anúncios 1, 2 e 3.

No primeiro anúncio, a aluna utilizou-se do recurso da rima entre “sozinho-amorzinho” para criar um efeito de sentido que sugere que o consumidor pode encontrar solução para a solidão comprando um presente na loja. Segundo Carvalho (2014, p. 61), “entre os recursos sonoros utilizados na publicidade estão a aliteração, a rima e o trocadilho. Eles são usados de forma lúdica para seduzir o consumidor”, o que torna notável a criatividade envolvida no processo de criação do texto. Além da palavra já lexicalizada “sozinho”, há de se considerar o valor afetivo do sufixo em “amorzinho”, apontado por Said Ali (1971), Coutinho (1982), Rocha Lima (2003) e Bechara (2009).

No anúncio 2, pode-se fazer a leitura de que “baratinho” viria representar a ideia de valor superlativo relatada por Said Ali (1971), sugerindo então que a caneca não custa caro. Além disso, a aluna complementa sua estratégia de convencimento utilizando o recurso do sufixo –inho para indicar abrandamento do que poderia, primeiramente, ser visto como algo negativo, o “friozinho”, possibilidade prevista por Sandmann (1988), dessa forma, o termo passa a dar ideia de conforto e sensação agradável que pode ser complementada ao tomar uma bebida quente com seu par nesse friozinho.

No anúncio 3, novamente se verifica a estratégia de adição do sufixo –inho com intenção de intensificar o significado do adjetivo da palavra base “cheirosinha”. A aluna ainda faz um jogo com rimas entre as palavras que compõem o nome da coleção: “cheirosa cheirosinha” e “namoradinha”, a quem se destinariam os produtos. Também essa estratégia de escolher um nome criativo para o produto está prevista por Carvalho (2014, p. 49), que afirma que “para nomear o produto ou a marca, são escolhidos nomes positivos, indicando qualidades (que nem sempre o produto possui) para atrair o público consumidor”. O termo “namoradinha” visaria

atingir o público masculino, a quem se sugere que compre os produtos para sua namorada, além disso, o diminutivo afetivo expressa o sentimento de carinho característico do relacionamento.

Anúncio 4: Loja de moda feminina. Público-alvo: mulheres.

Figura 97 – Anúncio 4: Loja de moda feminina.

Fonte: Elaboração própria.

Anúncio 5: Sapatos femininos. Público-alvo: mulheres que amam sapatos.

Figura 98 – Anúncio 5: Sapatos femininos.

Fonte: Elaboração própria.

Os anúncios 4 e 5 têm em comum não apenas o fato de se destinarem ao mesmo público-alvo, as mulheres, mas também alguns outros aspectos que merecem ser analisados à luz das teorias que embasam este trabalho. A começar pelo tema, ambos os anúncios estão voltados a divulgar artigos de moda, roupas, sapatos e acessórios. A grande incidência de anúncios voltados para assuntos de interesse feminino já está prevista em Carvalho, para quem, a mulher é o alvo de grande parte dos anúncios publicitários.

Que mulher é essa, que estereótipo é esse que se impõe ao público feminino e o que veste as mulheres com uma camisa de força? A

publicidade constrói o tipo de consumidor pela mudança operada no cotidiano e na visão de mundo, como afirma Fairclough (1990), pelos modelos persistentes e coerentes de necessidades e comportamentos consumistas divulgados e baseados no senso comum.

Através de um corte operado na realidade, essa figura feminina vai exercer, em qualquer situação, o papel de protetora/provedora, não em forma do ônus financeiro, mas em forma de responsabilidade com os seus, criando um sentimento de culpa nas mulheres que não adotam tal comportamento. Além disso, fabrica a obrigação de permanecer jovem e bela, algo impossível, mas que ganha contornos de plausível. (CARVALHO, 2014, p.26)

Por sofrer, portanto, a pressão, pela sociedade, de estar sempre bonita, bem vestida e jovem, a mulher é alvo de uma ampla gama de produtos e serviços, por conseguinte, de uma infinidade de anúncios de publicidades desses itens. E, tendo isso em consideração, é importante notar de que estratégias as alunas se utilizaram para construir o texto que irá se dirigir a esse público.

No anúncio 4, a aluna utilizou o termo “quedinha”, já cristalizado na expressão “ter uma quedinha por”, que significa simpatizar com algo ou alguém. Esse é um dos recursos para se conseguir efeitos de sentido por meio da escolha de palavras citados, entre outros, por Antunes (2012, p.43), ao afirmar que “todo ato de linguagem é, em alguma medida, um modo de agir, no sentido de que pretende alcançar certo efeito prático. A escolha dessa ou daquela palavra está na dependência de se conseguir esses efeitos”.

No anúncio 5, a aluna utiliza o termo no diminutivo na frase “Quem não ama um sapatinho?”. A imagem do sapato deixa entender que se trata de um modelo feminino bem como o coração vermelho e a expressão em inglês são elementos que, concatenados, ajudam a situar o anúncio no universo feminino. O fato, portanto, de colocar o termo no diminutivo em uma pergunta imprime ao texto uma atmosfera mais íntima, falando diretamente à mulher. Isso, utilizando-se de um conhecimento partilhado no senso comum de que mulheres amam sapatos, estratégia também prevista por Carvalho (2014) e já aqui citada. Ainda contribuem para essa interpretação, as conclusões da pesquisa de Mendes (2012) de que o uso do diminutivo apresenta produtividade significativa na fala feminina.

Anúncio 6: Kit de beleza. Público-alvo: mulheres e meninas.

Coleção Menininha

*compre a coleção menininha e
receba uma Maletinha*

*Produto:
Coleção Menininha*

*Público-alvo:
mulheres e
meninas*

Figura 99 – Anúncio 6: Kit de beleza.
Fonte: Elaboração própria.

Anúncio 7: Ingressos para o circo. Público-alvo: família.

Venha com sua família co-
nhecer o novo circo com os
palhaços mais engraçadinhos!

Ingressos

50% off

Figura 100 – Anúncio 7: Ingressos para o circo.
Fonte: Elaboração própria.

O que justifica a análise conjunta dos anúncios 6 e 7 é o fato de ambos possuírem elementos que permitem relacionar seu público-alvo ao público familiar e infantil, esfera de comunicação que esteve muito presente nas atividades propostas no livro didático, como demonstra análise realizada no capítulo 3, o que pode ter contribuído para fornecer elementos que subsidiassem as estratégias das alunas que elaboraram esses textos.

No anúncio 6, verifica-se que o produto divulgado está destinado ao público feminino, isso por si, como já discutido anteriormente, já promove significação do efeito expressivo do uso do diminutivo. Porém o nome do produto “Coleção menininha” restringe ainda mais esse público. O que justifica também o uso do termo “maletinha”, pois se pode inferir que tais termos relacionam-se ao universo infantil, visto que nessa esfera são comuns termos já lexicalizados no diminutivo, tais como “amarelinha”, “casinha”, “carrinho”, “hominho”. Tal observação encontra respaldo em Basilio quando esta afirma que em alguns casos

[...] o diminutivo reflete a afetividade do falante em relação ao objeto referido. Mas a afetividade do falante pode estar dirigida ao interlocutor, caso em que a utilização do diminutivo pode marcar o discurso inteiro como discurso afetivo. Os casos mais comuns são a fala com crianças e o discurso amoroso. (BASILIO, 2013, p. 71)

No anúncio 7, o uso do diminutivo pode ser justificado pelo fato de estar se dirigindo à família. Nesse caso, por se tratar de um programa de grande interesse do público infantil, o diminutivo pode representar uma tentativa de aproximar-se desse público, principalmente ao considerar a influência que as crianças têm nas decisões de compra da família. Outra leitura possível em relação à palavra “engraçadinho” pode ser inferida da conotação que o termo tem socialmente de intensificação da característica de uma pessoa de ser engraçada ou fazer graça.

Anúncio 8: Campanha de adoção de animais. Público-alvo: pessoas que gostam de animais.

Figura 101 – Anúncio 8: Campanha de adoção de animais.
Fonte: Elaboração própria.

Anúncio 9: Loja de moda feminina adulta e infantil. Público-alvo: mães e filhas.

Figura 102 – Anúncio 9: Loja de moda feminina adulta e infantil.
Fonte: Elaboração própria.

Os anúncios 8 e 9 estão agrupados porque as alunas se utilizaram do mesmo expediente para construção da mensagem do anúncio. Combinaram o uso da palavra no diminutivo com o de ditados populares. No primeiro, “O cachorro é o melhor amigo do homem”, isso, adicionado ao diminutivo “cachorrinho” e às atraentes fotos dos animais, potencializa a esfera afetiva do anúncio, o que é essencial para que se atinja seu objetivo que é convencer as pessoas a adotarem.

No anúncio 9, a aluna utilizou o diminutivo para imprimir mais atratividade à loja que se destina tanto ao público feminino adulto quanto ao público feminino infantil. Sugerindo que mãe e filha podem fazer compras juntas na loja, nada poderia representar essa possibilidade de forma mais significativa do que o tão conhecido ditado popular “filho de peixe, peixinho é”. A semelhança entre mãe e filha também é representada pela ilustração do anúncio, de autoria da própria aluna.

É com a intencionalidade apontada por Antunes (2012, p. 46) que as alunas utilizam o provérbio popular, que segundo a autora, são ricos em expressividade porque são “tão reveladores da argúcia intuitiva das pessoas”.

Anúncio 10: Ingressos para o jogo da Seleção Brasileira de Futebol. Público-alvo: torcedores.

Figura 103 – Anúncio 10: Ingressos para o jogo da Seleção Brasileira de Futebol.
Fonte: Elaboração própria.

O anúncio 10 foi um dos selecionados para serem discutidos neste trabalho porque apresenta um texto criativo, que faz as linguagens verbal e não verbal dialogarem e ainda é bem-sucedido em atrair o público por meio desses recursos. O termo no diminutivo foi usado como intensificador do valor semântico do advérbio “pertinho”, como previsto por Houaiss (2001). Esse recurso ainda encontra respaldo em Carvalho:

Já a exaltação do produto é feita a partir da intensificação, processo pouco estudado em português, embora de uso corriqueiro. A intensificação linguística, [...] é um processo semântico (de significação) feito por meio de adjetivos, advérbios e locuções adverbiais. Eles podem enfatizar, amplificar a qualidade do produto. (CARVALHO, 2014, p. 58)

A aluna, portanto, utilizou-se desses recursos para menosprezar o ato de assistir ao jogo pela TV, sugerindo que há uma alternativa muito melhor que seria assistir bem de perto. Mensagem essa que se reforça por meio da imagem, das cores e das exclamações.

Anúncio 11: Máquina fotográfica. Público-alvo: turistas.

Figura 104 – Anúncio 11: Máquina fotográfica.

Fonte: Elaboração própria.

Anúncio 12: Programação de emissora de TV. Público-alvo: telespectadores.

Figura 105 – Anúncio 12: Programação de emissora de TV.

Fonte: Elaboração própria.

Anúncio 13: Título de capitalização Tele Sena. Público-alvo: público em geral.

Figura 106 – Anúncio 13: Título de capitalização Tele Sena.

Fonte: Elaboração própria.

Os anúncios 11, 12 e 13 estão agrupados por apresentarem palavras no diminutivo que são de uso recorrente em português, mas que, nos textos em questão, ajudam a compor e a imprimir uma significação especial às mensagens.

No anúncio 11, por exemplo, verifica-se um emprego curioso da palavra diminutiva. Quando alguém usa a expressão “dar uma voltinha”, isso geralmente está se referindo a um pequeno passeio, nada muito especial nem muito longo ou longe. No anúncio, todavia, a aluna se refere a uma volta ao mundo, o que não se associa à ideia de pequenez, mas que é perfeitamente aceitável e compreensível para o falante de português, bem como sugere uma composição criativa ao imprimir a ideia de simplicidade e afetividade à viagem e ao uso da câmera para registrar essa experiência.

No anúncio 12, o aluno utiliza chavões de textos publicitários como “não perca” e “o clássico”, combinando-os com um diminutivo metonímico muito comum para se referir à televisão “telinha”. Sobre essa propriedade do sufixo –inho, Gonçalves (2013, p. 166) afirma que “é interessante levar o aluno a perceber que a metáfora e a metonímia não estão presas nas obras literárias: são recursos frequentemente utilizados para fins de denominação, como acontece na morfologia do grau e em outros processos de formação de palavras” Esses elementos combinados mostram-se bastante eficazes na construção da mensagem, por demonstrar a percepção do aluno quanto às características linguagem publicitária e da expressividade e da presença do uso de palavras no diminutivo na língua.

No anúncio 13, a aluna utiliza a expressão “dar pulinhos de felicidade/alegria” para sugerir que o produto anunciado, a nova Tele Sena, pode trazer essa mesma felicidade ao apostador. O diálogo que a aluna promove entre a mensagem e a imagem é um dos pontos mais interessantes do anúncio, pois quando no cotidiano se usa essa expressão, a palavra “pulinho” é geralmente usada em sentido conotativo. Na imagem que compõe o anúncio, porém, o pulinho é real, pois a Tele Sena proporciona um motivo real para pular de felicidade, como se pode inferir.

Anúncio 14: Baldes de plástico. Público-alvo: Donas de casa.

Figura 107 – Anúncio 14: Baldes de plástico.

Fonte: Elaboração própria.

O anúncio 14 apresenta um elemento importante a ser analisado neste trabalho. Trata-se do anúncio de baldes de plástico e a mensagem é a seguinte: “Cansada desses baldinhos furados? Compre o nosso novo modelo de balde da baudtec”. Como era de se esperar e observa Carvalho (2014), o alvo da peça são as donas de casa, a quem, segundo essa autora, destinam-se grande parte das peças publicitárias devido ao papel que exerce de provedora da casa, no sentido de lhe ser reservada a incumbência do bem-estar e estabilidade do lar.

Mas é quanto ao uso expressivo do diminutivo que esse texto mais se destaca, visto que nele os “baldinhos furados” deixam clara a ideia de desvalorização e desprezo em relação aos baldes de outras marcas. O sentido pejorativo usado nesse anúncio é um dos mais expressivos usos do diminutivo, previstos por Sandmann (1998), Rocha Lima (2003), Bechara (2009), entre outros.

Anúncio 15: Plano de saúde da Unimed. Público-alvo: pessoas que precisam de atendimento médico.

Figura 108 – Anúncio 15: Plano de saúde da Unimed.

Fonte: Elaboração própria.

No anúncio 15, a aluna faz publicidade de um plano de saúde. Como ela determina o público-alvo como “pessoas que precisam de atendimento médico”, cuidou de passar por meio de sua mensagem a ideia de segurança e credibilidade, utilizando as frases: “Vai gostar de saber que a UNIMED tem médicos sentados até na cadeira do presidente. Venha para a UNIMED, você vai saber o jeitinho certo de se cuidar.”. Dessa forma, na primeira oração, infere-se que, se até o presidente da empresa é médico, então, ela conta com equipe especializada em cuidados de saúde até as mais altas instâncias administrativas. Essa oração introduz e serve como argumento da próxima, pois, por esse motivo, “você vai saber o jeitinho certo de se cuidar”. Em relação à argumentação no texto publicitário, afirma Carvalho:

Argumentar não significa apenas emitir ideias sobre o mundo. Para que haja uma argumentação é preciso que essas ideias estejam inseridas no âmbito de um questionamento que poderá acarretar um ato de persuasão. [...] O argumento pode aparecer sob a forma de argumento de autoridade, quando são utilizados atos ou julgamentos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas de prestígio como meio de prova de uma tese. (CARVALHO, 2014, p.70-71)

A palavra no diminutivo nessa frase, “jeitinho” apresenta um aspecto afetivo e amenizador previstos por Sandmann (1988) e Houaiss (2001) a fim de transmitir a ideia de proximidade e atenção da equipe da Unimed para com seus clientes, visto que se trata de uma equipe formada por profissionais. As estratégias utilizadas pela aluna na elaboração do texto se mostram interessantes por passarem, por meio da mensagem, a ideia de acolhimento e segurança que o público-alvo procura em relação a esse tipo de produto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os livros didáticos representam um instrumento que atualmente ocupa uma posição contraditória na escola. Por um lado, muitos professores o têm como aliado em sua prática docente, por ajudá-los a contornar as dificuldades da profissão – como as condições de trabalho precárias, a falta de recursos materiais e as múltiplas jornadas para complementar os baixos salários – que permitem pouco tempo de preparação de aulas. Por outro lado, estudiosos e até mesmo alguns dos mesmos professores reconhecem suas deficiências em diversos aspectos, tais como a desconsideração dos conhecimentos prévios de cada turma, as poucas possibilidades de diálogo com as diferentes realidades de cada comunidade escolar e, por vezes, abordagens deficientes de um ou outro componente essencial para desenvolvimento da plena competência comunicativa dos alunos.

Diante dessa realidade, cabe ao professor procurar alternativas para tornar sua prática mais significativa, consciente e embasada, ainda que dentro de suas possibilidades. Foi com tal finalidade que se colocou em discussão uma questão de linguagem de grande vitalidade no português brasileiro, verificando como o livro didático possibilita sua exploração, evidenciando quais as potencialidades e os limites de sua abordagem. Em seguida, apresentando propostas de atividades consideradas capazes de expandir e aperfeiçoar seu uso pelos alunos.

A etapa de aplicação aos alunos das atividades e análise de como se dão os estudos de linguagem no livro didático revelou que o assunto específico analisado nesta pesquisa, o uso de palavras no diminutivo, está trabalhado no livro sempre a partir do texto, com finalidade de analisá-lo enquanto elemento de constituição da textualidade e, muitas vezes, como caracterizador do gênero. Esse, pode-se considerar, é um aspecto positivo do livro didático, pois propõe a análise linguística contextualizada, como pregam as novas teorias de ensino de língua materna. Todavia, também, foi possível constatar que as autoras mantêm em cada capítulo do volume, outra seção que aborda outros tópicos gramaticais de forma descontextualizada, dessa forma, seguindo a ordem da abordagem tradicional.

Como se pôde verificar a partir das atividades aplicadas e analisadas no capítulo 3, o livro didático, apesar de já trabalhar, ao menos em parte, em

consonância com as novas teorias que tratam do estudo e do ensino de língua materna, mostrou-se pouco eficaz em promover uma compreensão mais ampla e contextualizada a respeito do uso do diminutivo com fins estilísticos e expressivos. As atividades que abordam o uso do diminutivo ao longo do volume do 6º ano, em grande parte, envolvem sempre os mesmos tipos de situações comunicativas, o que restringe as possibilidades de análise e posterior aplicação pelos alunos desse recurso expressivo.

Em relação ao uso do texto como ponto de partida das atividades de análise linguística, foi possível verificar que as autoras conseguem atender a essa demanda que atualmente rege o ensino de língua. A seleção de textos, todavia, majoritariamente contos populares, sugere que o uso de palavras no diminutivo esteja mais relacionado com variedades linguísticas regionais, como ocorre, no capítulo 1 do livro em foco, ao tratar de variedades linguísticas. De acordo com teóricos estudados, a abordagem dada no livro pode inclusive levar a equívocos de análise de certos fenômenos linguísticos e ao reforço de estereótipos que induzem o preconceito linguístico. Esse fato pode trazer efeitos negativos ao ensino se negligenciado pelo professor, mas também pode ser contornado pelo docente que esteja preparado para lidar com esse material, fazendo as intervenções necessárias, aproveitando dele o que convém e complementando-o no que for deficitário.

Com esse fim, foram propostas atividades que pudessem desconstruir possíveis equívocos na forma como os alunos apreenderam a questão do uso do diminutivo e ampliar a sua visão, com isso, fazendo-os refletir sobre outras possibilidades e para construírem seus próprios textos empregando o elemento estudado em diferentes contextos.

As atividades propostas no capítulo 4 possibilitaram, como se pode verificar pelas respostas dos alunos, a ampliação de seu repertório a respeito da expressividade de palavras no diminutivo. Foram focalizados aspectos que não haviam sido explorados nas atividades propostas no livro didático. A análise dos anúncios publicitários permitiu aos alunos perceberem que o diminutivo está presente em diversas situações comunicativas, além daquelas que representam a linguagem afetiva familiar ou aquela que caracteriza situações de interlocução entre mulheres e crianças.

Os anúncios analisados no capítulo 4, portanto, apresentam situações em que o diminutivo é usado para expressar valores depreciativos em relação a algo, como no anúncio da revista Carta Capital, em ditados populares, como no anúncio do creme dental Sorriso e das sandálias Havaianas, além de demonstrar que pode expressar uma avaliação positiva, como no caso do anúncio do iogurte Corpus, entre outras significações.

A linguagem publicitária, pela sua característica criativa e propositalmente polissêmica, propiciou aos alunos irem além das significações mais aparentes e fazerem interpretações válidas que foram além do esperado pela professora. Pode-se considerar que a atividade obteve sucesso em seus resultados, visto que sua intenção era a de levar os alunos a desvincularem a adequação do uso do diminutivo apenas de textos de ficção, como foi a abordagem do livro didático.

As produções dos alunos revelaram que foi bastante desenvolvida sua compreensão dos aspectos semânticos de uso do diminutivo e demonstraram que sua capacidade de aprendizagem os torna capazes de extrapolar o conteúdo da aula. Quando desenvolve uma aula, o professor procura trazer o máximo de informações sobre o tópico a ser estudado, de forma a levar o aluno a compreender e apreender todas as facetas desse objeto. Contudo os alunos, neste estudo, mostraram-se capazes de ir além, trazendo significações não previstas pela professora.

Ao ensinar, o professor só tem controle sobre aquilo que planejou e será compartilhado com os alunos, mas perde o controle sobre as significações que estes vão construir a partir do que lhes foi oferecido. É gratificante quando os resultados obtidos, a partir de sua aula, atingem patamares que vão muito além do que o próprio docente havia vislumbrado.

REFERÊNCIAS

ADFORUM. *Creative work*. Disponível em: <ttp://br.adforum.com/creative-work/ad/player/56078. Acesso em: nov. 2014.

ALI, Manuel Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 7.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática*: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *Território das palavras*: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. *Gramática contextualizada*: limpando “o pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola, 2014.

BAGNO, Marcos. *Sete erros aos quatro ventos*: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola, 2013.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHEZI, Vera Lucia de Carvalho. *Português - 6º ano. Projeto Teláris*. São Paulo: Ática, 2012a.

_____. *Português - 7º ano. Projeto Teláris*. São Paulo: Ática, 2012b.

_____. *Português - 6º ano. Projeto Teláris. Manual do Professor* - São Paulo: Ática, 2012c.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 277-327.

BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUNZEN, Clécio; ROJO, Roxane. Livro didático de língua portuguesa como gênero do discurso: autoria e estilo. In: VAL, Maria da Graça Costa; MARCUSCHI, Beth (Orgs.). *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento, inclusão e cidadania*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 73-117.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 2009.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 34.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CARVALHO, Nelly. *O texto publicitário na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2014.

CARGO COLLECTIVE. *Campanha Inauguração Vila Fruti*. Disponível em: <<http://cargocollective.com/priscilaperovano/Campanha-Inauguracao-Vila-Fruti>>. Acesso em nov. 2014.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1982.

CUBATÃO. *Projeto político-pedagógico institucional*. Cubatão: Secretaria de Educação, 2008.

———. UME Mario de Oliveira Moreira. *Plano De Gestão 2014/2015*. Cubatão: Secretaria de Educação, 2014.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DNEOLIVEIRA.blogspot.com. *Que corpinho!* Disponível em: <<http://dneoliveira.blogspot.com.br/2011/02/que-corpinho.html>>. Acesso em: out. 2014.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Flexão e derivação: o grau. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). *Ensino de Gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Versão 1.0. 1 [CD-ROM].

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZZERA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

MENDES, Ronald Beline. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. *Revista Linguística/Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, v. 8, n. 1, jun. 2012.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2014.

PASSERANI, Marildo; FERREIRA, Cesar Cunha. *Cubatão - A Rainha das Serras*. São Paulo: Nova América, 2005. v. 01.

PORTUGUÊS.com. *Redação: o anúncio publicitário*. Disponível em: <<http://www.portugues.com.br/redacao/o-anuncio-publicitario---uma-analise-linguistica-.html>>. Acesso em: out. 2014.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

_____. Um programa mínimo. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2004.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

SANDMANN, José Antônio. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et labor: Ícone, 1988.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2009.

VILELA, Mario. *Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.

APÊNDICE A - SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 1

UME MARIO DE OLIVEIRA MOREIRA

Professora: Elizabeth da Silva Macena

Disciplina: Língua Portuguesa

Aluno: _____ Ano: _____

Revisão: uso de palavras no diminutivo

1) Como vimos, Mario Quintana fez um jogo de palavras em seu poema usando o diminutivo de forma criativa. Com base no que já estudamos sobre o uso de palavras no diminutivo até o momento e nos seus conhecimentos prévios, responda às questões.

a) O que elas expressam?

b) Em que situação são usadas?

c) Dê três exemplos de frases com palavras no diminutivo e indique o seu significado.

2) Mario Quintana utilizou o diminutivo em seu poema, nós já vimos em aulas anteriores o uso de diminutivos em outros textos também. De acordo com o que você entendeu e com os seus conhecimentos prévios, marque um xis nos gêneros de texto em que você acredita que o uso de palavras no diminutivo seriam adequadas.

() Contos de fadas

() “Causos”

() Notícias de jornal

() Uma carta de solicitação para a diretora da escola

() Crônicas

() Contos de terror

() Anúncios publicitários

() Em uma conversa informal com amigos

() _____

() _____

() Uma mensagem pelo whatsapp para um colega

() _____

Poeminho do contra

Todos estes que aí
estão **atravancando**
o meu caminho,
Eles passarão.
Eu passarinho!

Mário Quintana

BIOGRAFIA: MÁRIO QUINTANA

Nome:

Mario Quintana

Nascimento:

30/07/1906

Natural:

Alegrete - RS

Morte:

05/05/1994

Nascido em Alegrete, em 30 de julho de 1906, o poeta gaúcho Mário Quintana tornou-se um dos principais escritores brasileiros do século XX.

Seus primeiros textos foram publicados na revista Hyloea, do próprio colégio em que frequentava, o Colégio Militar de Porto Alegre, onde estudou por cinco anos.

As principais características dos seus textos são a linguagem simples, clara, que fala de sentimentos e faz alusões ao cotidiano. Fala do amor, das tristezas, da infância, da morte, dentre outros.

Mais tarde foi convidado para trabalhar na Editora Globo, tomando-se empregado do jornal Correio do Povo, no Rio Grande do Sul.

Em 1940 foi publicado “Rua dos Cataventos”, seu primeiro livro de poemas.

Em sua carreira desenvolveu trabalhos de tradução, tendo o primeiro feito com a obra Palavras e Sangue, de

Giovanni Papini. Interpretou obras de autores renomeados como Marcel Proust, Honoré de Balzac, Graham Greene e Guy de Maupassant, tomando-se um dos responsáveis pelo acesso do povo brasileiro às obras da literatura internacional.

Quintana teve seus poemas publicados no jornal Correio do Povo, onde trabalhou por quarenta anos, sendo este o maior veículo de divulgação de sua obra poética. Suas obras passaram a integrar os volumes didáticos das escolas, sendo publicadas em vários exemplares de livros da língua portuguesa e de literatura.

Uma das primeiras premiações que recebeu foi com o conto A Sétima Personagem, num concurso agenciado pelo jornal de Porto Alegre, Diário de Notícias.

Ao completar sessenta anos de idade foi homenageado pelos amigos Paulo Mendes Campos e Rubem Braga, com uma obra de sua antologia poética, com sessenta poemas inéditos, que recebeu o prêmio Fernando Chinaglia como o melhor livro do ano.

Em 1980 ganhou o prêmio literário, máximo, da Academia Brasileira de Letras, o troféu Machado de Assis, que homenageia um conjunto de obras.

Dentre tantas obras, as de maior destaque são: Canções, 1945; O Aprendiz de Feiticeiro, 1950; Quintares, 1976; O Baú de Espantos, 1986; dentre outros.

Um de seus poemas mais conhecidos é o Poeminho do Contra, após a terceira tentativa frustrada de conquistar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. O poema diz:

“Todos esses que aí estão,
atravancando meu caminho,
eles passarão...
eu passarinho”.

Mário Quintana faleceu em Porto Alegre, em 5 de maio de 1994, aos 87 anos de idade.

Adaptado de: BARROS, Jussara de. Mario Quintana. Disponível em:
<http://www.brasilecola.com/datas-comemorativas/mario-quintana.htm>. Acesso em 09 abr. 2015.

Imagem: http://www.releituras.com/mquintana_bio.asp

APÊNDICE B - SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 2

Bonitinho: campanha divertida brinca com o jeito brasileiro de falar no diminutivo

by website | abr 24, 2014 | Marcas, Marketing, Mídias sociais, News, Produtos, Propaganda, Publicidade, TV |

Se tem uma coisinha com a qual o brasileiro não pode ficar nervosinho é quando estrangeiros fazem brincadeiras com o fato de termos essa mania de falar no diminutivo. E foi com essa pegada que a **Coca-Cola** criou uma divertida série de comerciais para a competição esportiva do ano no Brasil, e que está sendo veiculada por quase toda a América Latina.

A língua, chamada de “**Portuguesiño**” (Português no diminutivo, em espanhol), é ensinada nos cinco vídeos já lançados, que abordam temas relacionados ao futebol e ao próprio povo brasileiro. Nas brincadeiras entram temas como o corte de cabelo do Neymar e o antigo topete do Ronaldo, além da sunga brasileira e do rebolado. Todos em espanhol, os comerciais foram criados para os países da América Latina que falam a língua. Os vídeos convidam o público a criar suas próprias palavras no diminutivo usando a hashtag “**#Portuguesiño**”.

Disponível em: <http://tradde.com.br/tag/brasil/>

UME MARIO DE OLIVEIRA MOREIRA

Professora: Elizabeth da Silva Macena

Disciplina: Língua Portuguesa

Aluno: _____ Ano: _____

Anúncios e o texto publicitário

Diariamente você entra em contato com uma ampla gama de anúncios publicitários. Eles estão presentes em jornais, revistas, na TV e até mesmo nas redes sociais na internet. Os anúncios são escritos com a intenção de divulgar um produto, dessa forma, é usada a linguagem publicitária que se utiliza de vários recursos de persuasão para convencer o público a adquirir aquele item. Texto, imagem, recursos de linguagem, referência a fatos históricos e a atualidade podem ser recursos utilizados na linguagem publicitária para esse fim. Leia os anúncios publicitários abaixo e responda as questões propostas.

TEXTO 1

Produto anunciado: _____

Público alvo: _____

Efeito do uso do diminutivo: _____

TEXTO 2

Produto anunciado: _____

Público alvo: _____

Efeito do uso do diminutivo: _____

TEXTO 3

Produto anunciado: _____

Público alvo: _____

Efeito do uso do diminutivo: _____

TEXTO 4

Produto anunciado: _____

Público alvo: _____

Efeito do uso do diminutivo: _____

TEXTO 5

Produto anunciado: _____

Público alvo: _____

Efeito do uso do diminutivo: _____

TEXTO 1

**Atriz negou que colocou silicone.
Socialite negou que colocou botox.
Maluf negou que colocou na Suíça.**

**Agora que você já sabe
o resuminho da semana,
vamos ao que interessa.**

CartaCapital

**OS EUA
GRAMPEARAM
O ALVORADA**

EXCLUSIVO

**CARLOS COSTA, QUE
CHEFIOU O FBI NO
BRASIL POR QUATRO
ANOS, SURPREENDE-SE:
"COMO VOCE SOUBE?...
NÃO TOCO NESSE
ASSUNTO... PONTO
FINAL!"**

GOVERNO: INDAGAÇÕES SOBRE A DEMISSÃO DO MINISTRO VIEGAS

DANIEL DANTAS É ALVO DE DESAPRACÃO DA PF

CEBA

Notícias exclusivas. A análise da situação (e da oposição também). Independência, coragem e um furo danado para descobrir muletes. Reportagens e artigos deliciosamente bem escritos. Nas colunas assinadas, nenhum achôlogo, nenhum palpitólogo, só especialistas.

Leia CartaCapital: como todo mundo, você vai saber o que aconteceu na semana. Mas, como poucos, vai ter elementos para saber o que pode acontecer nas semanas que vêm aí. 10 anos de independência, coragem e espírito crítico. **CartaCapital** leia antes que aconteça.

Disponível em: <http://br.adforum.com/creative-work/ad/player/56078>

TEXTO 2

SORRISO Whitening Explosion

**Deixe de lado aquele
sorrisinho amarelo**

Sorriso

Disponível em: <http://www.portugues.com.br/redacao/o-anuncio-publicitario---uma-analise-linguistica-.html>

TEXTO 3

Disponível em: <http://dneoliveira.blogspot.com.br/2011/02/que-corpinho.html>

TEXTO 4

Disponível em: [http://cargocollective.com/priscilaperovano/Campanha-Inauguracao-Vila-](http://cargocollective.com/priscilaperovano/Campanha-Inauguracao-Vila-Fruti)

Fruti

TEXTO 5

Disponível em: <http://havaianas.com.br/pt-br/propaganda>

**ANEXO A - QUADRO CURRICULAR E PROJETO TEMÁTICO DA UME MARIO
DE OLIVEIRA MOREIRA**

EIXO I IDENTIDADE E CULTURA	EIXO II ESPAÇO E MEIO AMBIENTE	EIXO III RESPONSABILIDADE SOCIAL
CICLO I		
1º ANO	2º ANO	3º ANO
Minha História – Quem sou eu?	Onde estou? O lugar onde vivo.	Trabalho Infantil
Diversidade	Fauna e Flora	Reflexões Sobre o Consumo
CICLO II		
4º ANO	5º ANO	6º ANO
A Formação do Povo Brasileiro	Cubatão – História e Cultura	Sociedade
A Formação do Povo Brasileiro	Ecossistemas de Cubatão	Relações Sociais
CICLO III		
7º ANO	8º ANO	9º ANO
Mitologia, Musicalidade, Antropofagia Cultural O corpo e suas Relações	Universo, Vida e Ecossistemas	Consumo – Ser e Ter
Composição étnica, Racismo, Preconceito Inclusão e exclusão Social e Autoimagem.	Sustentabilidade	Trabalho

Fonte: Plano de Gestão (2014, p. 22).

OBJETIVOS GERAIS DO PROJETO TEMÁTICO

IDENTIDADE E CULTURA	ESPAÇO E MEIO AMBIENTE	RESPONSABILIDADE SOCIAL
1º Ano	2º Ano	3º Ano
Promover a interação problematizada da criança com elementos culturais e sociais inseridos no cotidiano e universo infantil oportunizando a reflexão, ampliação de repertórios e experiências lúdicas e a construção de conhecimentos conectados a sua vivência.	Desenvolver aprendizagens a partir de ações de estudo, análise, observação e reflexão tendo o lugar onde vivemos como referência, identificando suas histórias, características, elementos culturais e naturais que permitam ampliar nossas formas de interação e intervenção no espaço e com os seres que nele habitam.	Refletir sobre as relações de consumo e trabalho infantil, identificando elementos culturais, sociais ideológicos e políticos, analisando formas de ação e intervenção nas dinâmicas de relações imediatas do grupo e sua atuação como agentes multiplicadores destas reflexões.
4º Ano	5º Ano	6º Ano
Conhecer a constituição do povo brasileiro identificando e reconhecendo as contribuições e influências advindas de culturas, tradições e saberes de diferentes povos de modo a refletir, analisar conhecer e atuar na valorização da diversidade e suas manifestações, além do reconhecimento de sua identidade multi étnica.	Conhecer e valorizar a história e características da Cidade de Cubatão, identificando elementos sócio-culturais, naturais, o processo de desenvolvimento, análises de contextos e as especificidades de sua constituição como cidade, sua população e seu papel no cenário local e nacional, refletindo sua potencialidade industrial e ambiental, reconhecendo-se como agente formador/transformador deste contexto.	Refletir a partir de análises, estudos e discussões a respeito das relações humanas que permeiam a sociedade atual, local, nacional e planetária, buscando compreender, identificar e conhecer as principais influências culturais, os valores e comportamentos que nos permita avaliar nossas próprias atitudes.
7º Ano	8º Ano	9º Ano
Promover um estudo mais aprofundado das contribuições e características da formação do povo brasileiro e sua identidade multi étnica a partir da análise das diferentes culturas e povos, saberes e histórias, bem como, investir no reconhecimento e valorização da diversidade e na superação de preconceitos.	Conhecer e identificar diferentes ecossistemas e suas características, analisando meios e modos de intervenção e produção sob um contexto de sustentabilidade e preservação, buscando resignificar a relação do homem com o meio ambiente numa perspectiva planetária.	Promover a reflexão e análise do trabalho enquanto forma de invenção e intervenção no mundo, nos modos e meios de produção de sistemas econômicos e políticos, influenciando e sendo influenciado diretamente pelos mercados e relações de consumo a fim de avaliarmos nossa postura individual e coletiva diante destas questões.

Fonte: Plano de Gestão (2014 p. 23)

ANEXO B – TEXTOS MOTIVADORES DAS ATIVIDADES ANALISADAS DO LIVRO DIDÁTICO

Leitura

Obisavô e a dentadura

Sylvia Orthof

Eu ouvi esta história de uma amiga, que disse que isso aconteceu, de verdade, em Montes Claros, Minas Gerais.

Para contar a história, é preciso imaginar uma velha fazenda antiga. Dentro da fazenda, uma vetusta (socorro, que palavrão!) mesa colonial, muito comprida, de jacarandá, naturalmente. Em volta da mesa, tudo que mineiro tem direito para um bom almoço: tutu, carne de porco, linguiça, feijão-tropeiro, torresminho, couve cortada bem fina... e eu nem posso descrever mais, porque já estou com excesso de peso, só de pensar: hum, que delícia!

A família era enorme e comia reunida, em volta da toalha bordada: pai, mãe, avô, avó, filhos, netos, sobrinhos, afilhados, a comadre que ficou viúva, a solteirona que era irmã da vó da Mariquinha... e o bisavô Arquimedes. Obisavô Arquimedes usava dentadura.

Naturalmente, cada integrante tinha à sua frente o seu saboroso prato de tutu, couve, torresmo, feijão-tropeiro, carninha de porco, linguiça, etc. e tal. E todos mastigavam e repetiam porque a fartura, ali, em Montes Claros, naquele tempo, era um espanto, de tanta! E cada um, evidentemente, tinha o seu copo. Pois os copos e o bisavô Arquimedes, diariamente, sofriam a seguinte brincadeira:

– Toninho, você vai beber desse copo aí, na sua frente? Olha que o bisavô deixou a dentadura dele de molho, bem no seu copo, Toninho, na noite passada!

– Num foi no meu, não; foi no copo da Maroca! Obisavô deixou a dentadura dentro do copo da Maroquinha!

– Ó gente, num brinca assim que eu fico cum nojo, uai!

O velho bisavô Arquimedes ouvia, sorria, mostrando a dentadura.

Quando chegava o doce de leite, o queijinho, a goiabada e uma tal de sobremesa que tem o nome de "mineiro de botas", que tem queijo derretido, banana, canela, cravo, sei lá mais que gostosuras, o pessoal comia, comia. E depois de comer tanto doce, a sede vinha forte, e a chateação começava, ou recomeçava, ou não terminava.

– Tia Santinha, não beba do copo da dentadura do bisavô, cuidado! Tenho certeza de que a dentadura ficou no seu copo, de molho, a noite inteira!

Obisavô ouvia e ia mastigando, o olhinho malicioso, nem te ligo para a brincadeira, comendo a goiabadinha, o "mineiro de botas", o doce de leite, o queijinho... e mexendo a dentadura pra lá e pra cá, pois a gengiva era velha e a dentadura já estava sem apoio. Mas o bisavô tinha senso de humor... e falava pouco. O pessoal cochichava que ele era mais surdo do que uma porta. Bestagem, porque se existe coisa que não é surda, é porta: mesmo fechada, deixa passar cada coisa...

Um dia, de repente, o bisavô apareceu sem a dentadura. E como todos perguntaram para ele o que tinha havido, o velho Arquimedes sorriu, um sorriso banguela, dizendo:

– Ocês tavam perturbando demais, todos com nojo dela, resolvi não usar, uai!

Aí, a família ficou sem jeito, jurando que não iria falar mais da dentadura, que tudo fora brincadeira, que todos adoravam o velho Arquimedes, que ele desculpasse.

– Tá desculpado, num tem importância. Eu já tava me aborrecendo com a história, mas tão desculpados. Mas até que tô achando bom ficar banguela: vou comer tutu e sopa... e doce de leite mole, ora!

A família insistiu, pediu perdão, mas o bisavô botou fim à conversa, dizendo:

– Ocês num insistam. Resolvi e tá resolvido. O dia que eu deixar de resolver, boto a dentadura outra vez!

E passaram-se vários dias. Ninguém mais fazia a brincadeira do copo. De vez em quando, o bisavô lembrava:

– Tô sentindo falta...
– Da dentadura, bisavô?
– Não, da traquinagem de ocês... ninguém tá com nojo de beber água no copo, né?

– Ora, o senhor não deve levar a mal, foi molecagem, a gente não faz mais, pode usar a dentadura, bisavô.

Um dia, de repente, o bisavô voltou a usar a dentadura. Todos na mesa se cutucaram e começaram a rir, muito disfarçado, quando bebiam água, pensando... sem dizer, pois haviam prometido.

Depois da sobremesa, boca pedindo água depois de tanto doce caseiro, o velho Arquimedes disse:

- Vocês tão bebendo tanta água, sem nojo...
- Bisavô, era brincadeira!
- Eu também fiz uma brincadeira: durante todo esse tempo que fiquei banguela, minha dentadura ficou de molho, dentro do filtro!

ORTHOF, Sylvia et al. Quem conta um conto?. São Paulo: FTD, 2001 v. 2, p. 53-58.
(Coleção Literatura em minha casa).

Por: Mariana Mendes
Arquiteta e escritora

Sylvia Orthof nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1932. Consagrada escritora de livros infantis, ganhou, entre outros prêmios, o Jabuti de Literatura, na categoria Literatura Infantil, pelo livro *A vaca Mimosa* e a mosca *Zenilda*. Morreu em julho de 1997.

Leitura 1

A panela...

Pedro Bandeira

Lá na vila apareceu
o safado Zé Trabuco,
que encontrando dois tropeiros
propôs logo jogar truco.

Zé Trabuco era danado,
era o mestre das mentiras.
Trapaceou tanto no jogo
que enganou os dois caipiras.

Dos tropeiros, enganados,
foi-se todo o dinheiro,
pois até dezoito mulas
carregou o trapaceiro.

Malasartes foi à vila
pra comprar fumo de rolo
Encontrou os dois tropeiros
em um grande desconsolo.

—Pedro amigo nos ajude!
Veja só o que aconteceu:
num joguinho, o Zé Trabuco
com trapaça nos venceu.
Zé Trabuco jogou sujo
e o dinheiro ele ganhou.
Enganando todos nós,
até as mulas nos levou!

Pedro foi até a venda
pra fazer uma comprinha.
Quis feijão, cebola e sal,
além de uma panelinha.

Foi pra beira de uma estrada
esperar o trapaceiro.
Temperou bem o feijão
e acendeu um bom braseiro.

Quando ouviu tropel de mulas,
Pedro o plano começou.
Pôs no chão a panelinha
e o braseiro ele apagou.

Agachou-se ali do lado
bem por onde o outro vinha
e ficou muito quieto
vigilando a panelinha.

Com as mulas, pela estrada,
Zé Trabuco foi chegando
E de longe percebeu
a panela fumegando.

Surpreendido, achou que aquilo
com certeza estava errado,
e chegando mais pra perto
foi falando debochado:

— Ócaipira, o que é que é isso?
É burrice ou é um jogo?
Como pode cozinhar
na panela sem o fogo?

Malasartes nem ligou
pro deboche do safado.
Remexeu na panelinha
e cuspiu para o outro lado:
[...]

— A panela é infernal,
das vasilhas é a rainha,
pois é só pedir a ela
e sem fogo ela cozinha!
Meu feijão está quase pronto
e é hora do jantar.

tropeiro: condutor de gado, de mula.

truco: jogo de cartas.

fumo de rolo: fumo torcido em forma de corda e enrolado em uma haste de madeira.

braseiro: fogareiro.

tropel: ruído produzido por grande quantidade de animais.

fumegar: lançar fumaça.

deboche: zombaria, coqueteria.

ninharia: coisa sem valor.

esparrela: cilada, engano.

Se o amigo não se ofende
poderia então provar?
Pra falar toda a verdade,
eu tempero muito mal
O que acha, meu amigo,
Não estará faltando sal?

Zé Trabuco se abaixou,
foi provar da panelinha.
Descobriu que estava cheia
e que estava bem quente.

— Nada falta, está no ponto! —
espantou-se Zé Trabuco.
— Essa mágica é tão grande
que vai me deixar maluco.
Um milagre tal qual esse
eu desejaria ter.
O que acha, meu amigo,
de a panela me vender?

Zé Trabuco ofereceu
o dinheiro que trazia,
mas o Pedro Malasartes
achou que era ninharia:

— Sua oferta, meu compadre,
poderia ser melhor,
pois eu acho que o valor
da panela é bem maior.
A panela é raridade,
não se encontra em todo lado.
Se essas mulas incluir,
o negócio está fechado.

Zé Trabuco lá pensou:
outras mulas e dinheiro
haveria de ganhar
de qualquer tolo roceiro.

No entanto, ele pensava
que magia igual àquela
nunca mais iria achar
a não ser na tal panela.

A bendita da panela,
com qualquer caldinho ralo,
a enganar a toda gente
haveria de ajudá-lo.

— Mas é claro que eu aceito!
Leve logo tudo embora.
Eu só quero essa panela
para mim sem mais demora!

Malasartes foi embora
feliz com a esparrela
e deixou o Zé Trabuco
a sorrir para a panela

O idiota do Trabuco,
muito tempo ele esperou,
mas dali para diante,
a panela só esfriou!

BANDEIRA, Pedro. *Malasaventuras: safadezas de Malasartes*. São Paulo: Moderna, 2003. p. 41-47.

Malasartes e o Zé Trabuco

Pedro Bandeira nasceu em 1942 na cidade de Santos, SP. Trabalhou como ator de comerciais de televisão, redator e editor. Desde 1983, dedica-se exclusivamente a escrever ficção destinada sobretudo a crianças e jovens. Seu livro *Malasaventuras: safadezas de Malasartes* traz narrativas curtas, em versos, contadas com humor e ritmo.

Malasartes e o Zé Trabuco

Leitura

A menina e as balas

Georgina Martins

Todos os dias a menininha estava lá: vendia doces na porta de uma lanchonete, perto de uma pracinha, onde brincam quase todas as crianças da redondeza. Mas ela não brincava, só vendia doces. Mesmo porque ela não era moradora do bairro. Sempre chegava por volta das quatro da tarde e ficava até os doces acabarem. Nos finais de semana ela chegava mais tarde, mas nunca faltava. Devia ter uns oito anos e, às vezes, distraía-se olhando as crianças brincarem.

Quando eu era menina, queria ter uma fábrica de doces só para poder comer todos os doces que eu quisesse; naquela época eu era muito pobre, e quase nunca sobrava dinheiro lá em casa para comprar doces. A menininha não comia nenhum. Ficava lá até vender todos. Será que algum dia ela já desejou ter uma fábrica de doces só pra ela?

Todas as vezes que eu passava por ela pensava nessas coisas. Eu também desejava ter uma fábrica de leite condensado, só para poder furar todas as latinhas que quisesse. Eu sempre gostei de furar latinhas de leite condensado, e quando sobrava algum dinheiro lá em casa, minha mãe dava um jeito de comprar uma latinha de leite condensado. Mas, como ela não sabia cozinhar, nunca preparava nada com as latinhas, e eu furava todas, sempre escondido dela, que fingia não saber.

Eu nunca pensava em vender os doces das fábricas dos meus sonhos, só pensava em comê-los. Acho que os doces não foram feitos para serem vendidos por crianças, foram feitos para serem comidos por elas. Mas aquela garotinha não comia nenhum, mesmo quando não conseguia vendê-los.

5 Um dia, resolvi perguntar se ela não tinha vontade de comê-los, e ela me respondeu que seu irmão menor trabalhava em uma mercearia e que também não podia comer nada sem pagar. Ela me disse que os doces não eram dela: ela os pegava em uma lojinha em Japeri, perto de sua casa; no final do dia, acertava as contas com o seu Alberto, o dono da loja. Adorava chupar balas e queria muito ter bastante dinheiro para poder comprar um monte de uma vez. Mas não tinha. Nem tinha pracinha perto da casa dela, mas achava ótimo poder brincar com as amigas na rua mesmo.

Uma noite, quando eu voltava do cinema, passei pela menina e percebi que ela estava com muito sono, quase cochilando; a lanchonete já ia fechar e ela ainda tinha alguns doces na caixa. Eu tinha acabado de assistir a um filme sobre crianças, um filme iraniano que eu adoro e que foi um dos filmes mais bonitos que eu já vi: chama-se Filhos do paraíso, e conta a história de dois irmãos, um menino e uma menina; o menino perde o único par de sapatos que a irmã possuía e os pais deles não têm como comprar outro. Acho que todas as crianças do mundo deveriam assistir a esse filme.

Contei o dinheiro que eu tinha na bolsa e cheguei à conclusão de que dava para pagar todos os doces que ainda restavam. Depois de ver um filme como aquele, eu achava impossível deixar uma menininha daquelas cochilando no meio da rua, numa noite fria.

– Ohe só, vou lhe dar esse dinheiro. Dá pra comprar todos os doces que você tem aí, e você não precisa nem me dar os doces, pode ficar com eles e vendê-los amanhã.

Ela me olhou sem entender direito e disse que eu tinha que levar os doces.

10 – Mas, menina, é a mesma coisa: você ganha o dinheiro e ainda fica com os doces; é muito melhor pra você...

– Melhor nada, minha mãe diz que eu não posso voltar pra casa enquanto não vender tudo.

– Mas você vai vender, vai levar o dinheiro que levaria se tivesse vendido tudo.

– Tia, você não entendeu, eu não posso voltar com doce pra casa, senão eu apanho da minha mãe e do meu padrasto. Preciso ajudar em casa, minha mãe trabalha muito, lá em casa tem muita gente pra comer, tenho seis irmãos... é por isso que eu vendo doces.

– Já entendi, mas eu só estou querendo lhe ajudar, você leva o dinheiro e ainda sobra doce pra amanhã.

15 – Mas não pode sobrar nada, minha mãe falou. Por que a senhora não quer levar os doces?

– Pra ajudar você! Amanhã, quando você for lá na loja do seu Alberto, você vai precisar comprar menos doces e vai ter mais dinheiro.

– Não, tia, não é assim. Eu não estou pedindo o seu dinheiro, estou vendendo doces e tenho que vender tudo, minha mãe falou. Por favor, leva os doces.

– Minha querida, vou lhe explicar direitinho: eu vou lhe pagar por todos os doces que tem aí, mas não vou levá-los, assim você vai poder vendê-los pra outras pessoas.

– Tia, você não entende mesmo, hein? Minha mãe vai brigar comigo, ela fica muito braba quando eu faço alguma besteira. Já falei que ela disse que eu não posso voltar com nada pra casa. O meu padrasto, quando eu chego em casa, faz as contas e quando sobra doce ele me bate. Ele sempre conta quanto dinheiro tem e tem que ter tudo certinho.

20 Percebi que não adiantava nada tentar convencê-la, ela já estava ficando nervosa de tentar me explicar o seu problema. Dei-lhe o dinheiro e tive que levar todos aqueles doces, que ela, rapidamente, enfiou em minha bolsa.

Ao ver-se livre deles, seus olhinhos brilharam de contentamento e ainda pude ouvi-la falando sozinha, muito indignada com a minha pouca compreensão a respeito do seu problema:

– Que tia burra, não entende nada de vender doces. Vai ver que ela nunca trabalhou, porque nem sabe fazer conta!

MARTINS, Georgina. No olho da rua: historinhas quase tristes. São Paulo: Ática, 2003. p. 36-43.

Atenção: História da
Atenção: História da

Georgina Martins nasceu em 1960 no Rio de Janeiro, RJ. Professora e escritora, participa de projetos comunitários que estimulam crianças e jovens da periferia do Rio de Janeiro a ler e a escrever. *No olho da rua: historinhas quase tristes* traz narrativas curtas sobre o cotidiano das personagens, crianças que vivem nas ruas dos grandes centros urbanos.

Atenção: História da
Atenção: História da